

NOVO ANO FELIZ E DE PAZ! — parece clamar, na sua saúdação ingénuca, esta criança inocente, para quem os homens de hoje estão talvez construindo, com o sacrifício do seu sangue — um mundo novo.  
(Foto San Payo)



**VIDA**  
**MUNDIAL**  
**ILUSTRADA**

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

ANO II - N.º 85 - LISBOA, 31 DE DEZEMBRO DE 1942  
PREÇO AVULSO: 1 ESCUDO



MANUELA DE AZEVEDO

Interessante figura feminina do nosso jornalismo, onde firmou o seu nome e o seu valor. Tão completa na pequena crónica como na grande reportagem, vem de deixar o seu lugar de redactora do diário «República», onde trabalhou alguns anos. Aceitando a um convite nosso, Manuela de Azevedo acaba de ingressar, no quadro redactorial desta revista. Saudamo-la cordalmente — em nosso nome e no dos nossos leitores!



JOAQUIM PAÇO D'ARCOS

Romancista consagrado do «Diário de um Emigrante» e de «Ana Paula», apresenta-nos agora um novo livro, «Neve sobre o mar», livro de novelas de emotiva actualidade onde nos dá mais uma prova do seu talento de escritor.



JOAQUIM MOTA JÚNIOR

O autor já consagrado do «Feitiço do Império», vem de lançar no nosso mercado literário mais um livro de grande merecimento — o romance «Sinais do Céu», que a crítica tem acolhido com bastante entusiasmo, considerando-o, certamente com justiça, um dos êxitos da «estação».

# AQUI entre NÓS



MAURÍCIO DE OLIVEIRA

Um dos nossos mais distintos jornalistas e também um dos nossos escritores mais populares. A bibliografia portuguesa de guerra deve-lhe já uma obra que constitui um dos mais completos documentos descriptivos da actual conflagração mundial. A essa obra acaba de juntar um livro magnífico — «Toulon», em cujas páginas sangra um dos episódios mais emocionantes da tragédia da França.



MÁRIO ROSA

Jornalista de nome feito, com duas grandes paixões na sua vida — o jornalismo e a aviação — acaba de publicar um livro curiosíssimo que deve ser lido por todos aqueles que seguem dia a dia a evolução desta guerra: «A Batalha Aérea». Uma obra descriptiva da guerra, que constitui, ao mesmo tempo, a exuberante afirmação de um escritor.



MARTIN MAQUEDA

Distinto pintor sevillano, que se encontra presentemente em Portugal. Tendo exposto já em Lisboa e indo agora apresentar os seus trabalhos na capital do Norte, tem-se afirmado, pelo seu valor, como um verdadeiro embaixador da arte do país vizinho.

## Inventário & Balanço

### PORTUGAL E ESPANHA

Não admira que se traga para este lugar a visita que nos fez o general conde Gomez Jordana, ministro dos Assuntos Exteriores do gabinete de Madrid. Acontecimento diplomático de primeira grandeza, que durante alguns dias deteve as atenções dos observadores de tódas as grandes chancelarias, hoje sempre vigilantes a tudo quanto ocorre ao derredor — principalmente nas zonas neutras — não surpreende que sejamos levados também a focá-lo e a fixá-lo. As relações entre os dois povos peninsulares são comandadas, antes de mais, pelas próprias realidades geográficas. Tudo está cientificamente estabelecido: dois povos destinados a viver par-a-par, amigavelmente, no melhor espírito de colaboração, mas cada um em sua casa: bons vizinhos, com as obrigações, afinal, que as obrigações de vizinhança costumam impor aos vizinhos. E aí está. É essa a política que tem sido afirmada nas esferas responsáveis. É essa a política que está reduzida a escrito, nos documentos firmados entre os dois países, desde 1939, como é o momento actual. Por uma feliz coincidência, o general Jordana, que é hoje, outra vez, o orientador e o responsável da política diplomática do Governo de Madrid, ocupava esse mesmo posto à data do acôrdo de amizade estabelecido há três anos. Não é de matéria nova que veio tratar, mas, sim, do prosseguimento e confirmação de uma unidade de vista sobre matéria que já lhe era familiar.

### O CASAL DA ESCOLA

Um projecto de lei, a discutir-se nas esferas competentes, prevê a instituição do Casal da Escola. De que se trata? Resumidamente, como que de um prolongamento da escola primária rural, dando-lhe certa feição profissional e regional. No meio local, a iniciativa será compreendida e aplaudida, ao que é de supor. Nada mais de desejar, realmente, do que a valorização do meio: que o pescador continue a ser pescador — mas saiba mais alguma coisa do que vai pelo mundo; que o lavrador, o homem que revolve a terra, continue a ser o que era, mas que saiba ler o seu jornal, o seu livro e saiba, até, medir as pulsações da vida que se estende em sua volta. Mas é preciso que o espírito, que necessariamente há-de impulsionar o projecto, seja escrupulosamente cumprido, para que não tenha de recuar-se o vicioso perigo que levaria, por assim dizer, à reconstituição das castas: filho de pescador só pode ser pescador, filho de rendeiro só pode ser rendeiro. O Casal da Escola pode, realmente, ter uma excelente acção dignificadora entre as populações das zonas extra-urbanas.

### O QUE SE COME

Alguns destes julgamentos no Tribunal dos Géneros Alimentícios põem a nu a extensão e profundidade da acção maligna de certos traficantes a quem os escrúpulos não pesam — ou pesavam tanto que resolveram êles deitá-los fora... Não apetece nada aplaudir que se ditem e executem violências. Mas que remédio há senão mostrá-se o poder forte quando os puevaricadores são de tal força que desprezam em absoluto o que seja a vida do próximo, saúde pública, honestidade de processos... Mais não conta, para êles, que o resultado aritmético, expresso em valores de dinheiro, de tódas as suas operações de tráfico. Perante o justo clamor que tais actividades suscitaram entre a opinião pública do país, preciso se tornava que a máquina judicial entrasse de funcionar, numa afirmação tranquilizadora de que, justamente, o movimento era o seu estado natural. Os «mixordeiros» inquietam-se? Ainda bem. Pelas mesmas razões nos poderemos todos nós tranquilizar...

dosa, iluminada a gás, em que Lisboa se fechava para praticar, ferozmente, o novado do Sepulcro!

### II II

UMA opereta recente ergueu, à sua volta, vivos protestos da crítica. Quem terá razão — a crítica ou os autores da peça? Enquanto êsses autores pensam talvez, lembrando a bilheteira, que sem transigências com certo público êste não irá ao teatro, a crítica afirma que a arte dramática tem de reverter-se, qualquer que seja a sua modalidade, numa atmosfera digna e clara. É fora de dúvida que, a partir de determinada época, alguns dos nossos escritores teatrais enveredaram por um caminho que não era positivamente o da boa literatura. Confundido o «popular» com o «populachão», têm sido forçados a criar, por vezes, situações teatrais verdadeiramente lamentáveis. Certas camadas de público viclaram-se de mau gosto. Foi comprometida a graça viciosa e popular. Fêz-se do erodriunho cómico ou dramático um abuso nocivo. E a muitos já se vai afigurando que êste estado de coisas não tem concôrto. Mas talvez tenha. Basta que os autores — todos sem excepção — encaem o teatro, mesmo o caracterizadamente popular, com êsse sentido de bom gosto e de espiritualidade que, com freqüência, se esquece.

### III

AS inevitáveis restrições alimentares a que a guerra nos tem obrigado, se é certo que concorrem para o definhamento, aliás metódico, das populações, concorrem, por outro lado, para a atenuação de algumas doenças cuja origem se filta em regimes planturosos. A *quelque chose, malheur est bon*. Tem diminuído o número dos diabéticos obesos. Vai rareando a hipertensão dos quinquagenários. A gota quasi desapareceu. Falu a indigestão. Determinadas crises dispépticas provocadas pela super-abundância de gorduras alimentares, deixaram de verificar-se, etc., etc. A gula foi sempre o grande mal dos ricos; a temperança, ainda que forçada, foi sempre o maior bem dos pobres. Em todo o caso, e apesar de tudo, o ideal será o meio termo. Não estaremos de fome — nem estiquemos de fartura.

# O NATAL e os pobres



O antigo Grémio Lisbonense, que há pouco festejou o centenário da sua fundação, pelo que foi condecorado pelo Governo com a Ordem de Benemerência, dedicou há dias uma linda festa a 100 crianças pobres. A iniciativa partiu do grupo «Os Pelicanos», constituído pelos srs. Carlos Rombert, Frederico Marçal, Manuel Almeida Oliveira, Manuel Vaz Ferreira e Rodolfo Ramos. As crianças foi-lhes dado um lanche e uma moeda de 10500, metida num envelope.



Aspectos — em cima e à esquerda — da distribuição do bode às famílias dos legionários pobres, na Brigada Naval e no Batalhão n.º 4. Foi distribuído um bode de géneros alimentícios a 750 legionários pobres e vestuário, brinquedos e bolos a 870 crianças. Assistiram os comandantes daquele organismo, srs. primeiros tenentes Henrique Tenreiro e Horácio de Carvalho. Também ali esteve o sr. general Casimiro Teles, comandante geral da L. P.

Nas Companhias Reunidas de Gaz e Electricidade foi oferecido um jantar a 500 crianças, filhas dos operários (à direita) e na sede da Associação dos Bombeiros Voluntários da Ajuda (em baixo), foram contempladas com enxovais completos 30 crianças recém-nascidas e com vestuário, brinquedos e lanches mais 55 crianças dos dois sexos e distribuídos, a 60 pobres, géneros de mercearia, que constava de bacalhau, açúcar, leite, feijão, grão, figos e pão.



Aos filhos dos operários da Socony-Vacuum, nas oficinas gerais da Companhia foi oferecido lanche a todos os jovens convidados e distribuídas centenas de brinquedos aos filhos do pessoal. Numa pista especialmente preparada para esse fim com decorações apropriadas, realizou-se uma «gymkhana» para as crianças, que despertou o maior entusiasmo.





Sua Eminência o Cardeal Patriarca lendo na dia de Natal, ao microfone da Emissora a sua notável mensagem dirigida aos portugueses.

# CALCADA DA GLÓRIA

A MANEIRA... DO BORDA D'ÁGUA

**Q**UEM quiser fazer o juízo do ano que agora entra não terá dificuldade em afirmar que, segundo todas as presunções, vamos ter grandes surpresas — embora já esperadas. Uma delas, é a de que acabaremos por nos comer uns aos outros — e sem tempêros. A carne de vaca, isto é, a de boi, há-de vender-se nas casas de peles; os ovos e as batatas nos ourives; o peixe andará a brincar aos submarinos; azeite, nem fio nem fiado; e os que quiserem andar vestidos, terão de andar nus, com respeitosa licença da autoridade. A respeito de juízo, isso nem se pergunta. Umaz nações continuarão de pé; outras de cócoras. Fome não passará quem não comer, e pulgas não sentirá quem se coçar. Em Portugal, se Deus quiser, continuaremos em paz, e se o Destino não quiser, não é, valha-nos isso, por vontade nossa.

E aqui está o vaticínio do sr. Manuel Rodrigues Minerva, conceituado astrólogo da Rua Luz Soriano, e cujo chapéu alto, e cujo guarda-chuva enorme constituem, ao mesmo tempo, a distinção e a previsão ao serviço da Ilusão.

## ORÁCULO DE JANEIRO

**A**S mulheres nascidas neste mês serão fiéis aos maridos. Em contrapartida, os homens farão o que puderem. — Na horta convém semear favas e espinafres; e no jardim ponham lírios — e paciências. Aproveitem o quarto crescente, que é a 13, para deitar galinhas.

## ORÁCULO DE FEVEREIRO

**S**ÃO felizes os dias 9, 12 e 22; infelizes os dias 4, 15, 16, 17 e 19. Podem, mergulhem e paguem a contribuição predial. — No quintal semeiem abóboras; e no jardim — cuidem das sécias.

## ORÁCULO DE MARÇO

**N**ÃO há dias infelizes. A 7 é o Domingo gordo. A 10 começa a Quaresma — e agrava-se o jejum. Semeiem pepinos e, quem tiver burros, que os tosquie.

## ORÁCULO DE ABRIL

**O**S dias continuam a aumentar, como tudo. A 18 começa a Páscoa, mas as amêndoas não terão açúcar. Voltam as bênçãos matrimoniais. Os carteiros darão as boas-festas. — Na horta, as novidades principiam a envelhecer.

## ORÁCULO DE MAIO

**N**ASCE o sol de manhã e põe-se ao anoitecer. Estamos em

SANTANLEY



Este Manuel Santana caricaturista — com quem os leitores da «Vida Mundial» já estão, de certo, familiarizados — assemelha-se a um livro de aventuras que é próprio tivesse ilustrado. Basta dizer isto: um dia, com uma pequena mala e um enormíssimo lápis, partiu para a África do Sul. Começou a fazer bonecos nos jornais ingleses. Ao fim de algumas semanas tinha conquistado a popularidade, fumava charuto, bebia «whisky» como John Bull — e já todos o tratavam por lord Santanley. Uma vez, mercê duma confusão de nomes, supuseram que éle — éle que é imortal! — tinha morrido. Os jornais dedicaram-lhe grossos elogios. Os admiradores encheram-lhe a casa de coroas, E amigo Santana, afinal vivíssimo da costa, teve o prazer de receber inúmeras condolências... pela sua morte. O êxito da sua vida artística aumentou ainda. As suas caricaturas, os seus desenhos, as suas «charges», adquiriram ainda maior prestígio. Regressou a Portugal; a sua primeira exposição constituiu um êxito; e este rapaz que atravessou o Atlântico em cuecas — vimo-la nós, em fotografia, neste lindo estado — prepara, neste momento, uma nova galeria em que éle, de chapéu alto e luva branca, se propõe apresentar alguns pitorescos «portrait-charges» à Lisboa dourada de 1943...

Pois vamos a isso, «sor» lord Santanley!

plena primavera. Algumas pessoas já se queixam do calor. — Quem tiver juízo plantará mangericos e limpará as vinhas das lagartas.

## ORÁCULO DE JUNHO

**A**NUNCIA-SE o verão. Começam as festas dos Santos populares. Por toda a parte há palões.

## ORÁCULO DE JULHO

**A**TÉ ao fim do mês pagam-se os impostos, à excepção dos relaxados. — Põem-se craveiros, limpam-se as vinhas e as hortas, tiram-se os ladrões das enxertias — e conservam-se os barris bem atestados.

## ORÁCULO DE AGOSTO

**E**CLIPSE anular do Sol. Em Portugal será visível parcialmente em Timor. Também há um eclipse parcial da lua. Total e mundial será apenas o eclipse de alguns géneros de primeira necessidade. — Acabam as caniculares.

## ORÁCULO DE SETEMBRO

**A**S mulheres vindas à luz do sol em Setembro são alegres, finas e sentimentais, apreciam os prazeres, mas são excelentes donas de casa. Os homens são amáveis e simpáticos, mas possuem um amor próprio todo cheio de pontinhos. — Na horta atam-se as chicórias. — Socialmente abre-se a caça, e os caçadores tornam-se, não desfazendo, mais mentirosos do que nos meses anteriores.

## ORÁCULO DE OUTUBRO

**D**IZEM que começa o outono. As manhãs acordam mais tarde, os poentes surgem mais cedo. São felizes os dias 11, 14 e 20; infeliz o dia 6. — As mulheres que fazem anos em Outubro guardam uma imaginação fogosa; os homens uma independência boémia. — Na horta alporca craveiro — e semeia pevides para os macacos, se os tiver.

## ORÁCULO DE NOVEMBRO

**C**HUVA e vento. A 11 festeja-se o São Martinho, e talvez haja alguns dias de verão. Castanha não faltará. — Semeia rábanos e pimpinela — e quem tiver jardim ponha palmas de Santa Rita.

## ORÁCULO DE DEZEMBRO

**O** último mês do ano, segundo os entendidos. O frio apertará mais do que em Agosto. Os homens usarão coletes de malha, se tiverem dinheiro para os comprar, e as mulheres opulentas embrulhar-se-ão em peles como todas as feras. — Festejar-se-á o Natal, mas em vez de sermos nós a comer o peru, será, desta vez, o peru a comer-nos a nós. Quem tiver porco deve matá-lo, e quem não tiver matará a mulher — que não perderá nada com isso. Começa a sementeira dos rabanetes em alfobres quentes; semeiam-se ciclames e ervilhas de mau cheiro, e quem não morrer em Dezembro tem 99 % de probabilidades de chegar ao ano seguinte...

# Panorama Internacional AQUÉM E ALÉM

## DA VITÓRIA

por Francisco Velloso

**T**ERCEIRO Natal de guerra. Como nas idades em que, ao tropear das legiões dos bárbaros, se operou uma das transformações angustiosas da civilização humana, donde saíram novas nacionalidades, ideais e costumes novos ou renovados, o solo do mundo treme agora em haustos sísmicos. Oscilamos. Somos canavial acurvado a sabor dos assírios de desenhados ventos, matéria em fusão e à espera de moldes, num cadinho de cataclismos.

A nossa geração, a que nasceu nas doçuras alegres do viver calmo, da sociedade bem regida, dos bons comportamentos, quando alcançava os assomos da maioridade, entrou na fogueira ardente de uma crise que ainda não terminou; e só promessas de excepcional longevidade que os desgastes de duríssimos desenganos em provações experimentais quase contínuas não consentem prever, — admitiriam que ela ainda pudesse assistir ao remate da órbita deste ciclone que risca a fogo e sangue os céus caliginosos de meio século na história dos tempos em que sob tão maus signos nasceu.

Terceiro Natal de guerra. Desta guerra, digamos antes. Que ele pode contar-se como oitavo, compreendendo aquele, cheio de fome e de miséria, de 1918, na série dos Natais que na outra guerra — a que só a nossa surpresa chamou grande — não puderam escutar rebocantes na abóbada infinita da noite santa, o cântico angélico que saiu do nascimento de Jesus nas glórias de Deus e na paz aos homens de boa vontade.

Como então, uma ambição criminosa encheu o mundo de horrores. Como então, um inferno dantesco é atado por mão demoníaca que põe ao serviço do mal os primores das invenções materiais do homem. Cristo chora outra vez na tarde de Getsemani. A neve não albece de sonho as paisagens. Sepulta cadáveres caídos nas hecatombes.

### A LINHA DO RUBICÃO



MONTGOMERY

Num artigo do «Look» de Des Moines, formula-se mais uma vez esta pergunta: «O que sucederá depois desta guerra? O escritor norte-americano cujas considerações a «Vida Mundial» em boa hora trouxe à reflectida

meditação, dos seus milhares de leitores, Vincent Sheean, apenas se arroja a repetir em alta voz a mesma interrogação que tão imperecivelmente marca duas fases do conflito internacional, neste momento.

Entre o dia em que Hitler anuncia a liquidação arrasadora de Estalinegrado e o em que a grande expedição, quasi argonáutica, desembarca as tropas anglo-americanas em Argel e Orão, a guerra passou uma linha divisória.

Premiam já nessa altura ansiedades por assim dizer imperativas, do sofrimento exaustivo de todos os povos, exigindo que se melesse a fundo pelo caminho, que conduz ao fim. Traduziram-nas por vezes tumultuosamente crises internas de impaciência no interior da Grã-Bretanha e da América do Norte, intimando o aceleramento das decisões e dos rasgos. Levaram-nas a Roosevelt e a Churchill, por voz do general Sikorski, os governos exilados das nações ocupadas, crivadas de mártires e massacres.

A hora chegou quando da fronteira do Egipto, Alexander e Montgomery se lançaram na ofensiva que através dos areais líbios empurrou Rommel até 250 quilómetros para além da fronteira da velha Tripolitânia dos traficantes e dos aventureiros da flibustagem mediterrânea. O russo aproveitava a 19 de Novembro a sua sorte, para desencadear sucessivamente as três ofensivas ao norte — na linha de cobertura de Moscovo sobre o triângulo de Rzev-Viasma-Velikiluki, virando por Vitebsk a Esmolenco, nos cursos médio e inferior do Don alvejando a libertação de Estalinegrado e Rostov e a uma «coup de Jarnac» contra a campanha que no Cáucaso anda à cata do Velo de Ouro do petróleo. Contra Montgomery, o chefe da Alemanha ordena, nos barrancos, secos e pedregosos dos «wadis» e dos «uels», e nas ridências da costa tunisina, com base em Bizerta e em Tunes, a resistência até ao máximo da tensão possível. Contra os russos atira as reservas disponíveis e guardadas para afrontar as ofensivas inverniais que Timochenko lhe prometera à chegada do exército fresco da Sibéria. O bastião europeu repousado no quadrado supremo do alto comando de Hitler-Zeigler-Keitel e Runstedt e preenchido com os mais inferiores de outros generais substitutos dos velhos galões dos marechais do estado-maior, está traçado. A linha divisória da guerra — digamos até que o seu Rubicão — passou por entre estes acontecimentos sensoriais. E a situação tornou-se tão dilemática que por toda a parte, nesta sazão do ano em que os guerreiros alapam às rajadas do frio enregelante, todas as frentes de súbito retroam: — a aviação anglo-ame-

ricana, em «raids» que se distribuem pelo noroeste alemão e pela terra da França agora considerada inimiga depois da ocupação; — Mac Arthur arrebatando aos nipoês o derradeiro retalho da Nova Guiné em Buna e arredores; — Wawell descendo pelo Arakan às florestas e ao litoral da presidência de Bengala, num movimento ofensivo que possivelmente se desenvolverá tomando a dianteira a anunciadas arremetidas do Japão contra a Índia; — Chang-Kai-Chek, ajudado dos americanos, prolongando ataques às bases do inimigo no Hopei e no Yunan; — a esquadra de Cuningham com liberdade de acção recuperada a ocidente e oriente do Mediterrâneo, e quebrando o bloqueio adstringente de Malta.

Sobre essa linha divisória, a 18 e 19 de Dezembro, reúne Hitler o grande conselho do «Eixo» no seu quartel general com Ciano, o marechal Cavallero, Goering, Ribben-

trop, Keitel (que o comunicado oficial denomina chefe do comando supremo das forças alemãs com o posto de feld-marechal) e Pierre Laval, — para concluírem todos na firme vontade de empregarem todas as forças para alcançar a vitória final. Em conferências especiais, Hitler, na presença de Ciano e Cavallero, tratou com Laval dos «problemas actuais da França», tornada de retaguarda da frente alemã a leste, em nova frente ocidental germânica, sem tirar nem pôr, em consequência da chegada do alemão aos Pirineus, a Marselha e a Toulon.

### PARA ALÉM E PARA AQUÉM



SARA JOGLU e para este ano porque não pode ser estendida a mais a resistência, a solução da guerra. Fica para quem a angustiosa aspiração de uma paz de liberdade e de justiça.

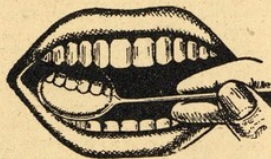
A solução da guerra, tirada do seio de um problema em que a superioridade de armas dos Aliados é factor primordial à força e potência das forças da Inglaterra e dos Estados Unidos, por uma ofensiva. A paz... E aqui sustem-se a pena como meditativa. Os Aliados precisam primeiro de romper ao assalto no que resta, mas com formidáveis bases, no recanto derradeiro de Tripoli e da Tunísia, ao poderio do «eixo» na África do Norte, para vibrarem os seus golpes nas brechas vulneráveis da fortaleza germânica: — a Itália, os Balcãs (apoiando e reforçando o agrupamento insurreccional jugo-eslavo-greco-albano-croata que toma vulto de centro de aglomeração), a linha da Noruega ao Garona; mas podem entretanto fazer intervir nestes aproches outros movimentos, sem laiar na temível acção do seu aliado de leste.

As potências do «Eixo», sem perderem as «chances» de irrupções de contra-ofensiva, devem ter ponderado no quartel-general hitleriano os prós e os contras da suprema defesa do recheio de suas conquistas continentais. E não hão-de deixar de ter olhos abertos para as actuais negociações que restabelecem as amizades russo-turcas, começadas por um largo movimento diplomático que fez re-

(Continua na pág. 20)

## Gengivas são

Dentes fixos, sem cárie e sem piorreia



## Só com PARGIL

(Produto medicinal)

e nunca com os dentífricos que, martelando na palavra «microbios», não passam de banalidades falsamente medicinais de laboratórios de perfumarias.

PARGIL, dum fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germes patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara asamente o hálito nem se limita a evitar as doenças. Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.

NAS FARMACIAS E DROGARIAS

# AQUILINO RIBEIRO E O SEU ÚLTIMO LIVRO

**Q**UANDO aparece o seu poema? Pode saber-se o título? Foi com estas palavras lançadas de chofre, prazenteiras rora de modo algum serem tidas como insolentes, que abordámos Aquilino Ribeiro.

O brilhantíssimo autor da *Via Sinuosa* soltou-lhe uma boa gargalhada e respondeu:

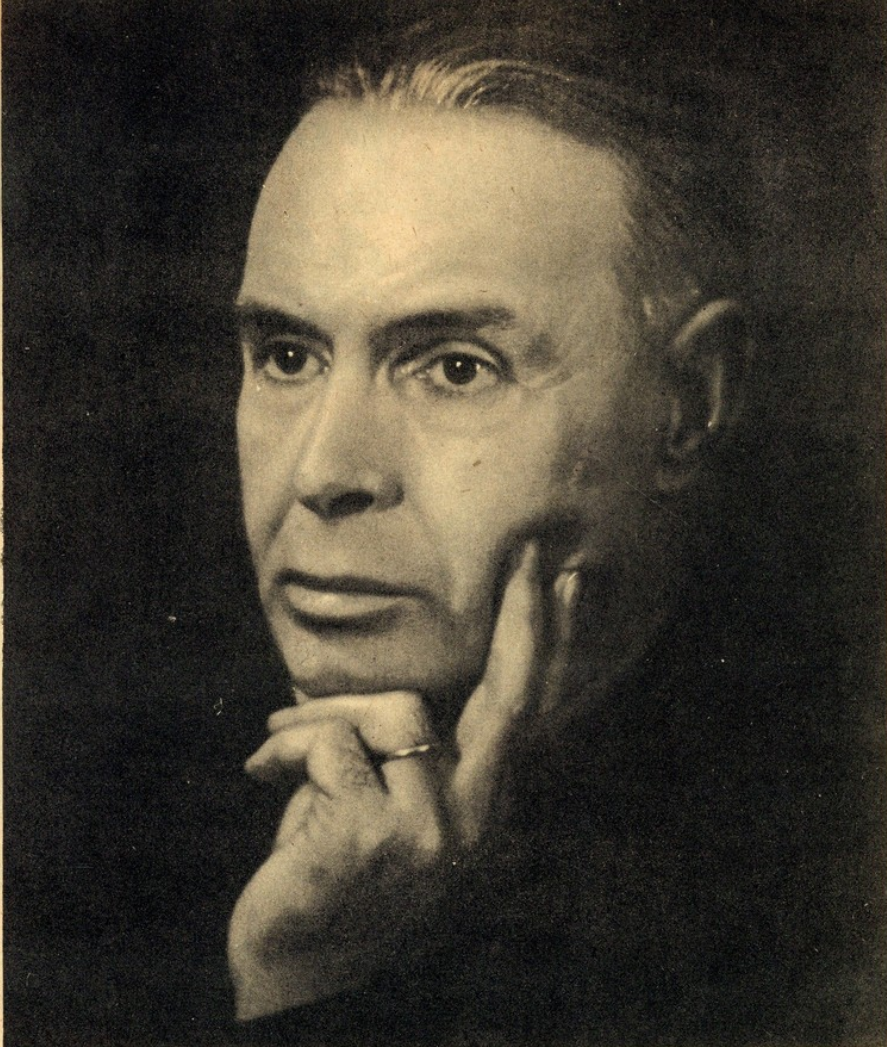
— Eu não sou polígrafo, mas gostaria de sê-lo. O escritor hoje em dia tem de ser enciclopédico. Enciclopédico na cultura e nos géneros que pratica. O monocórdio acabou. Veja Anatole France, mestre de nós todos, cujo poder de universalidade tocou os diferentes ramos da literatura, romance, conto, crítica, oratória, história, poesia, etc. Observo-lhe ainda que não se envergonhou de escrever para crianças. Eu estou longe de mostrar tantas facetas. Por exemplo, nunca fiz versos...

— Alto lá! De quem é a poesia vária que matiza certos contos seus como no *Quando ao gavião cai a pena* e até nas *Terras do Demo*?

— É minha, se bem me lembro. Mas tudo isso são arremedilhos, e não arte poética. No *Jardim das Tormentas* vem uma quadra construída segundo as regras da métrica, regras que eu nunca soube, e com certo saineite. Eu lha digo:

*Meu S. Gonçalo da azenha,  
Casais-me ou não me casais?  
Quem puder que se contenha,  
Cá por mim não posso mais.*

Mas esta quadra, com os quilates da lei, não é minha, mas de Augusto Gil. Mandou-ma com outras duas, que se conservam inéditas, e faltam por conseguinte no delicioso e terno livro que Ladislau Patricio consagrou ao poeta e eu não lhe enviei a tempo, como estava determinado. Quere conhecer o génesis desta colaboração?... É simples. La sair a segunda ou terceira edição do *Jardim das Tormentas* e num dos contos da edição original vinha intercalada uma quadra popular, bonita mas escabrosa. Falou-se em que devia substituí-la e eu declarei em público e raso a minha incompetência para o verso. Foi então que Gil se ofereceu para compôr as quadras, sem me pedir direitos de autor, reservando-me eu para na primeira ocasião pagar a dívida ao poeta. Afinal, Gil socorria-me com a sua arte à maneira dos animalistas flamengos que traziam a demão oportuna do seu lépis ao quadro do paisagista, incompleto sem a manada a pastar, uma lebre a dar o salto, o caçador com a sua matilha... Quere ouvir as duas quadras em questão, ainda inéditas, como digo? Ei-las saborosas, e com a sua pontinha de gal como era condão de Augusto Gil. Mas repare que de toda a sua lavra poética se pode dizer: *por baixo do saal há al.*



O grande escritor Aquilino Ribeiro (Foto San Payo)

*S. Gonçalo do Marão  
Vê lá, vê lá não me deixes  
Solteira éste ano, senão...  
Senão depois não te queixes.*

*S. Gonçalinho do vau,  
Quem não manduca, não medra.  
Se o homem não é de pau,  
A mulher não é de pedra...*

— Mas fomos parar ao Parnaso— ponderamos— quando o assunto que me traz diz respeito aos nossos avós, cantiga muito outra. Pelo que já lêmos, trata-se duma incursão de romancista pela história. Está no seu direito. Mais longe, que seja do nosso conhecimento, apenas Frei Bernardo de Brito e o bom judeu Josué Rousseau que compôs uma *Historie do Portugal et des Algarves*, que começa com os netos de Noé e vai até o cardinal D. Henrique. Como se explica o título: *Avós dos nossos avós?*

— O título implica um desdobramento intencional. Pretendi deste modo dar uma impressão de distância para que se avaliasse de antemão que não se vão encontrar figuras históricas, com identidade estabelecida dentro do caixilho nacional, mas outras, mais vagas, mal recortadas na luz difusa e ténue do alvorecer. Numa palavra, ocupei-me com vultos, na acepção óptica do termo, para representar os quais com certa expressão os sentidos se têm de recorrer da imaginativa.

— Muito há-de ter dito de novo?...  
— Muito! Exclamava o Ecclesiastes: *Pode haver alguma coisa de*

*novo debaixo do sol?* De novo ha formas, aparências, pontos de vista, não falando na moda das senhoras. Mas vejamos o que se oferece de novo ou de singular no meu caleidoscópio... «O rude pastor do Herminho», como se comprazem os conspícuos historiadores a denominar Viriato, tenho-o e dou-o por muito diferente do padrão conhecido. Pastor era-o, mas não no significado arcádico e actual. A pastorícia constituía a actividade por excelência daqueles remotos tempos e a riqueza era em gado. Quanto a capitão de ladrões, como lhe chama Tito Livio, é preciso não esquecer que para um filho da Loba quem não era romano era bárbaro e quem fosse inimigo de Roma, bandoleiro.

— Esse homem, senhor de rebanhos como Labão, como hoje o senhor Palha Blanco, um dia recebeu a investidura de *viriato*, isto é, comandante em chefe dos lusitanos. Já tinha havido outros *viriatos*...

— Justamente. Na batalha de Canas, segundo Silio Itálico, perdeu a vida o *viriato* dos lusitanos e galecos. Na minha humilde opinião, a história está atravancada por erros de palmatória e a visão detupmada de seres e coisas. Por exemplo: a segunda guerra púnica não foi entre cartagineses e romanos, mas sim entre hispanos e romanos. O exército de Aníbal era essencialmente e estruturalmente um exército ibérico; o próprio Aníbal de formação ibérica. Se Roma tem sido conquistada, o mundo teria seguido uma

directriz bem diversa. Na Hispânia surgiria um império no género de Alexandre Magno; os bárbaros teriam sido confinados e civilizados nas suas portelas; a superstição romana não se haveria desatado sobre o mundo e criado o nateiro em que germinou e medrou a Idade Média; o mundo teria avançado talvez mil anos. Que imensa e desassomburada perspectiva? As guerras púnicas por mais dum aspecto lembram a guerra de hoje.

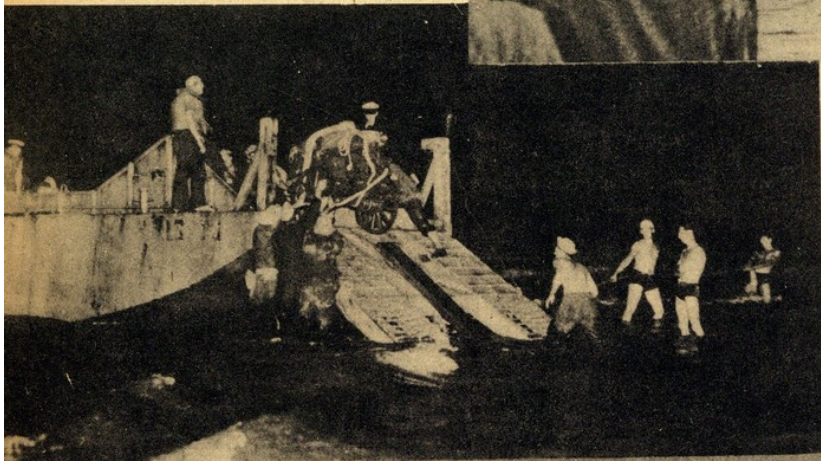
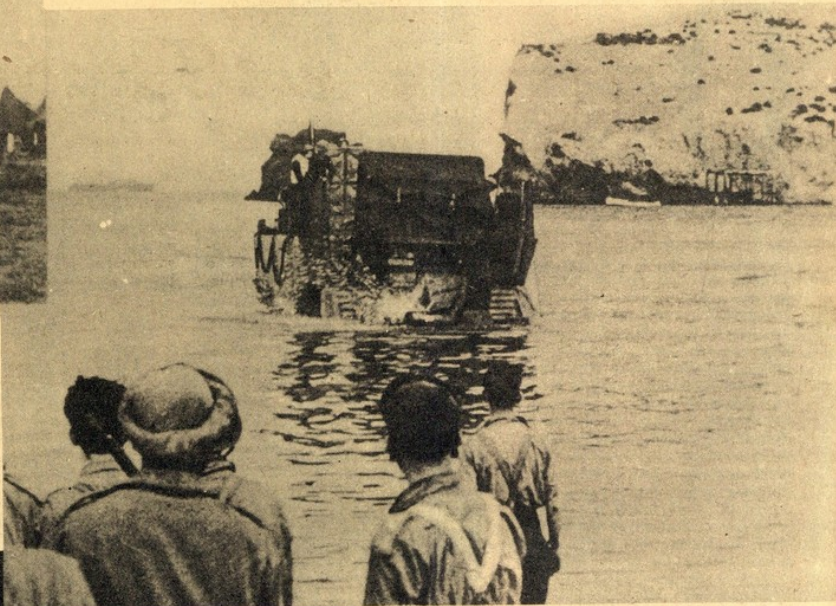
— O que o mundo teria sido se Napoleão em Waterloo não está constipado, se Bruto não dá a punhalada em César, se Tutankamon não morre tísico, se o cavalo de Tróia não chega a entrar na cidade, oferece de facto mil e um panoramas curiosos e mais imaginativos uns que os outros. Se Aníbal tem ido ceiar ao Capitólio depois da batalha de Canas, é possível, sim, que a Ibéria se houvesse tornado num grande e poderoso império com a capital onde hoje é Lisboa. Aceitemos de boa mente. *Os avós dos nossos avós* é essa post-visão, chame-mos-lhe assim!

— Não, o meu livro é um trabalho de síntese, ou pretende sê-lo, deixando largas à imaginação, onde esta faz o papel de sexto sentido ou supre as lacunas que há de facto para facto. Afora isso, a singela, crua, humílima verdade no seu mantido ou capa sumptuosa de brocado. Não leu, e com avisada oportunidade, que se trata duma incursão de romancista pela história? Rápida, portanto, objectiva, a mata-cavalo!

# O DESEMBARQUE DAS FORÇAS AMERICANAS NA AFRICA DO NORTE



A poucos quilômetros de Casablanca, as forças norte-americanas fizeram um desembarque sem encontrar qualquer resistência. Depois de acampadas, fizeram içar o seu pavilhão.



Em pleno dia, numa praia perto de Oran, fêz-se, com rapidez espantosa, o desembarque de «tanks» e carros blindados. A gravura mostranos um desses veículos caminhando para o areal, movendo-se tal qual fôsse um estrada asfaltado.

Noutro local, o desembarque operou-se noite alta, à luz de grandes reflectores. As peças anti-aéreas foram tiradas de bordo de vedetas apropriadas e imediatamente postas a funcionar.

Aspecto geral dum desembarque no norte de África. Com a melhor ordem e organização, os soldados norte-americanos abordavam às praias e iam tomando posições.





# 7 dias de Cinema

## por Fernando Fragoso

**A**NJOS de Cara Negra é um filme de gangsters destinado a combater a influência que a maioria dos filmes de «gangsters» exercem sobre a mocidade americana. Hollywood, fiel ao provérbio que manda curar dentada de cão com o pêlo do mesmo cão, preferiu olhar o assunto, sob dois aspectos diametralmente opostos, numa única produção. «Anjos da Cara Negra» foca um problema, «argumentado», através da história, por duas personagens em campos antagónicos: o «gangster» que tudo sacrifica à sua moral (?) materialista — e o sacerdote, que procura salvar e resgatar almas, com a consciência de que os bens do espírito se sobrepõem às contingências passageiras da vida terrestre.

Mais do que um filme de acção, «Angels with Dirty Faces» é uma obra de tésel

\* \* \*

«Scarface» iniciou, pode dizer-se, a teoria de filmes, que nos apresentavam a aventureira existência das grandes vedetas do crime. O êxito deste filme incitou todos os outros produtores a perseverar no mesmo caminho! Da mesma maneira, afinal, como «Eu sou um evadido», abriu o caudal dos filmes baseados na vida dos presídios.

A força de vermos as histórias dos «inimigos públicos n.º 1», à medida que nos identificávamos com o heroísmo dos «G-Men» — cresceu em nós a convicção de que na América só havia «gangsters» e polícias — e que era mais perigoso atravessar «Manhattan» ou a «Rua 42» do que aventurar-mo-nos pela selva de Bornéu.

Um jornalista sul-americano, pôs o problema a Walter Wanger, que lhe respondeu:

— Os filmes que produzimos não apresentam o americano como um ser perfeito. No entanto, quando revelam os «gangsters», revelam também a punição desses «gangsters».

Mas, a par deste efeito de propaganda além-fronteiras, outro problema mais grave surgiu. A juventude americana, sobretudo a garotada dos bairros pobres, educada, ou, melhor, deseducada na escola da rua, deixou influenciar-se pela existência aparentemente brilhante e agitada dos «vedetas» do crime. Vazia a pena correr os riscos inerentes à «profissão» — se ela proporcionava, como se via nos filmes, uma vida de fausto e de ostentação, se os próprios criminosos tinham políticos e magistrados a protegê-los, sempre que os mesmos caíam sob a alçada da lei!

A América viu o perigo! «Anjos de Cara Negra» procura lutar contra todas estas tendências que se enraizavam, pouco a pouco, na alma dos adolescentes. E se a abolição da lei seca, quasi fêz desaparecer esta fauna inquietante e temerosa, o fortalecimento da autoridade dos poderes públicos, o saneamento dos quadros da justiça, o poderio crescente das brigadas de repressão — reduziram os «gangsters» e «bootleggers» à sua expressão mais simples. O cinema, que só inconscientemente induzira em êrro, arripiou caminho. Nos filmes de «gangsters», os heróis passaram a ser os «G-Men». E o problema foi exposto, com franqueza e discutido com sinceridade, em filmes que têm, como expoente mais alto, este «Anjos de Cara Negra», que Lisboa viu, na semana transacta.

\* \* \*

A despeito de se tratar duma película produzida há três anos — a obra de Michael Curtiz nada perdeu do seu interesse como obra cinematográfica e até do seu valor espectacular. Pela nossa parte, entendemos que o facto de surgir numa época em que os filmes de «gangsters» são raros, contribuiu, possivelmente, para a fazer destacar entre a produção corrente.

Michael Curtiz, o homem das grandes reconstituições históricas à maneira da «Carga da Brigada Ligeira», «Capitão Blood», «Robin dos Bosques», e «Isabel de Inglaterra» — é, incontestavelmente, um

dos melhores cineastas de Hollywood. Aborda a comédia, com idêntica facilidade. É grande no drama. «Anjos da Cara Negra» é um dos seus melhores filmes. Sincero, dinâmico, brutal até à violência. Tem a vibração dum painel e o sabor amargo duma desagradável revelação. Todas as imagens se impõem, todas as cenas convencem. É claro e preciso. Sabe do seu ofício, como poucos!

Parece-nos infantil, estar a destacar esta ou aquela cena, num filme tão equilibrado e tão notável! Mas a forma como êle dirigiu a partida de «base-ball», entre os «Dead End Kids» e os pupilos do sacerdote, com as intervenções fulminantes de Cagney, a espantosa seqüência da invasão da policia no «cabaret» até à prisão de «Jerry» — bastam para impor o seu filme, entre as obras mais belas e mais impressionantes da temporada!

\* \* \*

James Cagney está como peixe na água. Artista espantoso, que se celebrou nestes papeis «em força», é também um interprete sensível e delicado, que brilha na comédia, como no drama. Pela nossa parte, gostamos de vê-lo nestas figuras de «had boy» que êle encarna com um «poder» e uma convicção de assombrar.

Quanto a Pat O'Brien, não o consideramos no número dos artistas nossos favoritos. Muito pelo contrário, sempre nos pareceu pouco maleável e pouco expressivo. Poderá afirmar-se que a sua interpretação é inferior?! Evidente-

mente que não. Mas perguntamos a nós próprios, o que seria o papel confiado a Spencer Tracy, o «sacerdote» mais querido e mais popular do cinema americano!

Impressionantes, os «Dead End Kids», que desde «Ruas de Nova-York» não vêm dando a imagem mais dolorosa duma adolescência criminosa e prevertida! Estão ali os exemplos típicos da fauna temível das prisões e dos reformatórios, caras patibulares, com os estigmas da mais absoluta degenerescência física e moral!

Humphrey Bogart e George Bancroft — bons tempos, os de George Bancroft de «Vidas Tenebrosas» — encarnam, com a tradicional sobriedade das personagens «familiares» dos filmes de «gangsters» — o advogado sem escrúpulos e o gerente da casa de batota.

Ann Sheridan, começava, então, a ser a Ann Sheridan — uma artista bonita e insinuante, que afinal não foi muito longe...

\* \* \*

Depois de «Angels with Dirty Faces» e da série de filmes do Padre Flannagan — parece chegar-se à conclusão de que Hollywood aponta a moral católica, como o meio mais segura e eficaz, contra a onda do crime.

De facto assim é. E não deixa de ser curioso sublinhar que o avviso parte, através do seu mais poderoso meio de expansão, dum País, que tantas vezes se cita como sendo dos mais materialistas e retrógrados às idéias cristãs.

O criminoso (James Cagney) vai ser executado. A seu lado, o sacerdote (Pat O'Brien), seu amigo de infância. A rinda trágica encaminha-se para a célula da morte, onde o espera a cadeira eléctrica.



# A visita do Conde de Jordana a Lisboa



EM CIMA: O ministro dos Assuntos Exteriores de Espanha conversa com o chefe do Governo Português a bordo do «Labores», durante a travessia do Tejo.

A DIREITA: O sr. dr. Oliveira Salazar trocou impressões com o sr. D. Nicolau Franco, Embaixador de Espanha, em Lisboa, enquanto no fundo o sr. general conde de Jordana conversa com o sr. dr. Pedro Teotónio Pereira, Embaixador de Portugal, em Madrid.



A ESQUERDA: Aspecto do almôço oferecido pelo sr. Presidente do Conselho, em Sintra, vendo-se o sr. general conde de Jordana entre os srs. drs. Mário de Figueiredo, ministro da Educação Nacional e dr. Costa Leite (Lumbreras), ministro das Finanças.



A DIREITA: O chefe do Governo acompanhando o ministro dos Assuntos Exteriores de Espanha a uma visita ao Estádio Nacional.



A ESQUERDA: Salazar e o conde de Jordana, quando da visita ao Museu dos Coches, onde foram recebidos pelo seu conservador, sr. dr. Luís Kell.



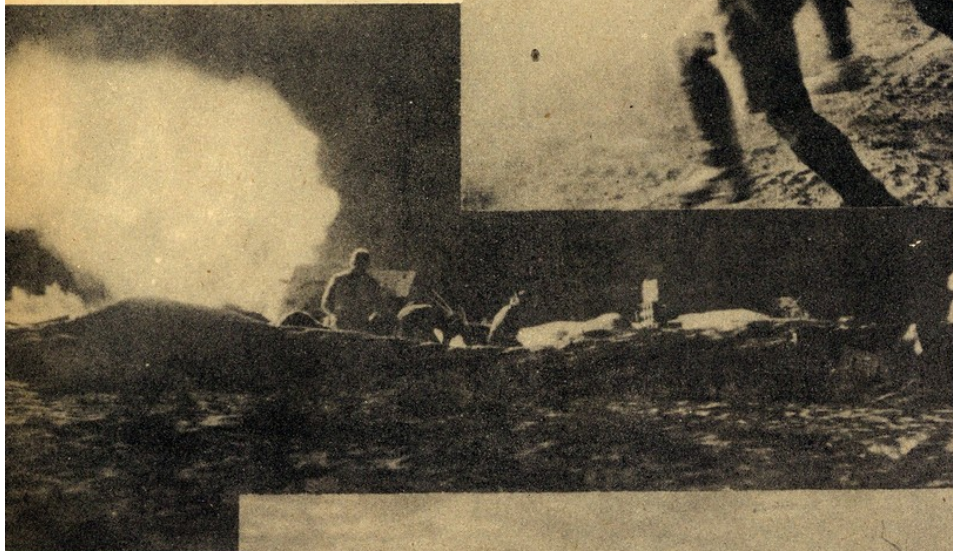
A chegada ao Palácio Nacional de Sintra, o chefe do Governo e o general conde de Jordana saudam a bandeira da Força militar que fazia a guarda de honra.

O conde de Jordana esteve na Cidadela de Cascais, onde foi cumprimentado pelo sr. Presidente da República. Acompanhado pelas sras. embaixadoras de Espanha, dr. Henrique Viana, e sua comitiva, o ministro visitante foi recebido à estação pelo sr. major Silva e Costa, que o conduziu à presença do chefe do Estado. Feitas as apresentações pelo sr. embaixador de Espanha, o chefe do Estado e o conde de Jordana trocaram amistosamente cumprimentos, após o que entreteram amigável conversação durante cerca de meia hora.



Dois aspectos do banquete oferecido pelo chefe do Estado, no Palácio de Belém. O jantar foi servido no Salão Amarelo ou do Conselho do Estado e a mesa em forma de U, estava enfeitada com serpentinas e outras peças da boxeira germânica. O sr. presidente da República, deu o direito aos srs. conde de Jordana, ministro do Interior, D. Pío Zubizar, ministro de Economia, o sr. embaixador de Espanha, ministro de Marinha, D. José de Monteforte, embaixador Teixeira de Sampaio e conde sr. Presidente do Conselho, que tinha à sua direita os srs. general Duque de Seo de Urgel, almirante Botelho de Sousa e general Amílcar Motz e à esquerda os srs. embaixador de Portugal em Espanha general Peixoto e Cunha, coronel Leão de Costa, D. Ramon Prada e dr. Checo de Castro.

# A GUERRA NO DESERTO



Desde a noite de 24 de Outubro que o 8.º Exército Britânico não pára. Começou, então, o ataque às posições do «Eixo» em El Alamein — e a batalha do Egipto depressa se transformou em batalha da Líbia e, agora, estamos já na batalha da Tripolitânia. A ofensiva do general Montgomery entrou, portanto, na sua quarta fase.

Tanto de dia, como de noite, os combates sucedem-se. Não há tempo a perder. Os soldados revezam-se na frente — e a frente é sempre em frente... Para trás vão ficando os prisioneiros inimigos, que em filas vão recolhendo aos campos de concentração.



Pode resumir-se, assim, a evolução da ofensiva do 8.º Exército Britânico:

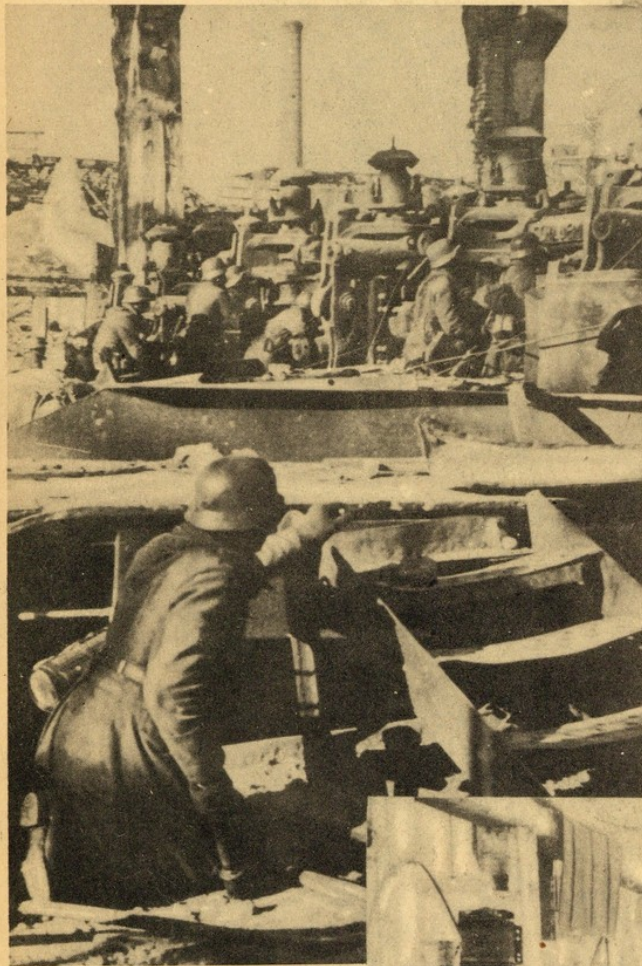
24 de outubro — Início da ofensiva por um ataque frontal contra as posições do «eixo» em El Alamein. 6 de novembro — Rotura da frente italo-alemã e início da manobra estratégica e da perseguição das tropas comandadas pelo marechal Rommel. 8 de novembro — As tropas imperiais chegam a Marsa Matruh. 10 de novembro — Chegada dos ingleses a Sidt Barrani. 11 de novembro — Ocupação de Bardia. 12 de novembro — As tropas imperiais atravessam a fronteira do Egipto com a Líbia. 12 de novembro — Ocupação de Tobruk. 16 de novembro — Chegada dos ingleses a Bomba. 17 de novembro — Ocupação de Derna. 20 de novembro — Chegada dos ingleses a Benghazi. 22 de novembro — Os ingleses atingem Ajedabia. 24 de novembro — O marechal Rommel organiza a resistência em El Aghaila. 9 de dezembro — Início da ofensiva britânica contra as posições italo-alemãs de El Aghaila. 13 de dezembro — Rotura da frente do «eixo» em El Aghaila e recomeço do avanço das tropas imperiais que atravessaram a fronteira da Tripolitânia.

*Figuras da Vida*  
**MUNDIAL**



Sumner Welles, Sub-Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros  
dos Estados Unidos da América  
(Caricatura de Santana)

# COMO se tem combatido nas ruas do Estalinegrado



A verdadeira história desta guerra está por fazer — só o será, quando os que vierem, os que se salvarem, a relatarem, se para isso tiverem maneira...

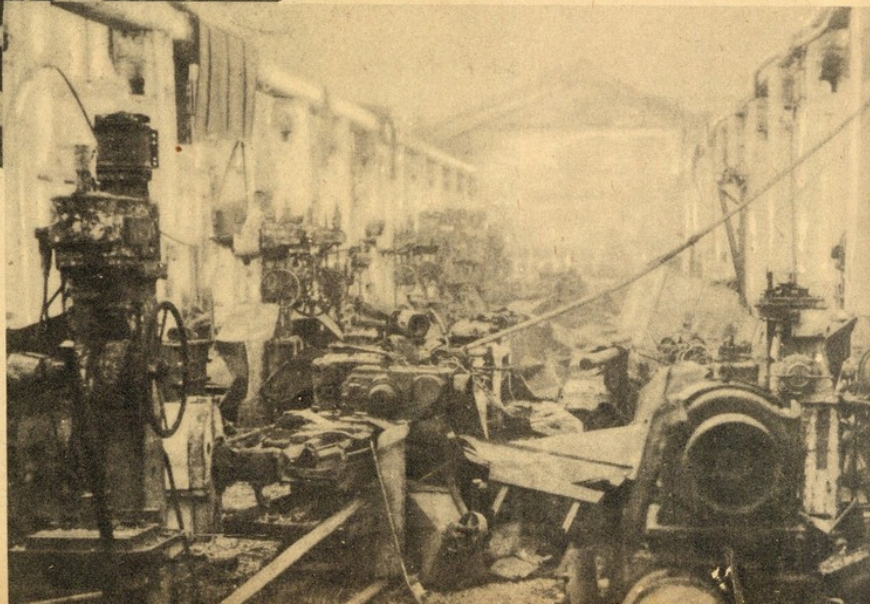
O que se tem passado na frente leste, pouco se conhece e pouco, talvez, se conhecerá. Só os documentos falam, só eles nos podem dizer o que tem sido essa campanha, que ameaça prolongar-se.

Em Estalinegrado — uma das muitas cidades-mártires desta guerra — tem-se lutado corpo a corpo, de prédio para prédio, de rua para rua. Parte da cidade, apresenta um aspecto desolador, mas a luta continua acésa, entre os dois grandes exércitos.

As três gravuras que ornam esta página, dão-nos bem a impressão do que será essa luta titânica, essa luta de verdadeiros gigantes.

Ao alto, vêem-se granadeiros alemães, entre os escombros duma fábrica arrazada pelos canhões, à espera que o inimigo tente recuperar aquêle pedaço de terreno perdido.

E o combate de trincheiras, é o terreno conquistado palmo a palmo.



# Morreu o homem que assinou a declaração de GUERRA de 1914

um artigo de Carlos Ferrão

**Q**UEM se recordará ainda d'êste nome que, entretanto, encheu, durante algumas semanas o mundo? Vão decorridos vinte e oito anos sobre as horas dramáticas que o mundo conheceu nas vésperas da primeira conflagração geral. O Conde Berchtold vivia, há muito, ignorado na sua propriedade distante, desde que fôra afastado das funções oficiais que desempenhava. Ia completar oitenta anos. Ninguém, certamente reconheceria, naquele senhor de grandes terras, o ministro elegantíssimo que, sobraçando em julho de 1914 a pasta dos Negócios Estrangeiros no império austro-hungaro, assumia a responsabilidade histórica de subscrever o documento que desencadeou a guerra. É a sua assinatura que se encontra no ultimato dirigido, em 28 daquele mês, pelo governo de Viena, ao reino da Sérvia. Se as paixões humanas e os interesses gigantescos que essa guerra veio avolumar se aplacaram ou desapareceram, a história tomou, desde então, conta do respectivo processo cuja peça principal é precisamente o ultimato austro-hungaro. Dela derivou tudo o que depois veio a passar-se numa sucessão vertiginosa.

## O PARTIDO DA GUERRA E O PARTIDO DA PAZ

Quando os funerais do arquiduque Francisco Fernando e de sua esposa se realizaram em Viena, no meio da indiferença dos elementos oficiais que não suportavam o herdeiro do trono austro-hungaro e condenavam, irremediavelmente, a sua ligação sentimental, era já fácil reconhecer que a diplomacia das grandes potências trabalhava afanosamente para explorar, até às suas últimas consequências, o episódio dramático de Serajevo. A autoridade do Ballplatz, delegado oficial do ministério dos Estrangeiros austriaco, mostrou-se incansável.

Com a actividade diplomática coincidia o nervosismo evidente dos meios militares da capital austriaca. A influencia do Chefe de Estado Maior do exercito austro-hungaro, o general Conrad von Holtzendorff crescera na medida em que diminuia o nível dos dirigentes politicos. No tempo do antecessor de Berchtold, o Conde Aehrenthal, o general Conrad via, em mais duma occasião, postas de parte as suas sugestões. A partir das lutas balcánicas de 1912 e 1913 a sua influencia tornara-se, porém, duvidosa.



O conde de Berchtold

O Conde Berchtold e o general von Holtzendorff estavam de accordo quanto à necessidade de liquidar, o mais rapidamente possível, a questão sérvia se esta viesse a assumir, dum momento para outro, aspectos desagradáveis para a Austria-Hungria. A Sérvia, com o seu rei e com o seu chefe politico Patchich, era uma sentinela avançada do eslavismo que desagradava, igualmente, a austriacos e a húngaros. Estes últimos, porém, eludidos pelas lições da história, manifestavam certa relutância em consentir que um simples episódio balcânico ou uma querela europeia lançassem o Império num conflito de proporções mundiais em que a sua unidade certamente se perderia.

Por isso, depois do assassinio do arquiduque, o chefe do governo húngaro, Conde Tizsa, sempre se manifestara contrário a uma liquidação violenta do episódio de

Serajevo, com a certeza de que qualquer ataque à Sérvia não deixaria, em circunstancia nenhuma, de envolver a Rússia do czar num conflito que se agravaria irremediavelmente em pouco tempo. Esta concepção pacifica dos acontecimentos não durou muito tempo e o homem que a interpretava acabou por se curvar perante a ideia da guerra.

## O APOIO DA ALEMANHA

Um ano antes do atentado de Serajevo, o general Conrad von Holtzendorff escrevia ao Conde Berchtold: «Se viermos a enviar um ultimato à Sérvia, é preciso redigi-lo de maneira que este país se recuse a aceitá-lo immediata e integralmente. Isto quer dizer que a aceitação das nossas condições, depois de iniciada a mobilização do exercito austriaco, deve ser rejeitada, podendo então a guerra

ser conduzida até o fim. Para isso é indispensável termos a certeza antecipada de que somos capazes de ignorar toda as palavras de conciliação.»

Um ano depois, em 1 de Julho de 1914, três dias passados sobre o atentado de Serajevo, o mesmo punho traçava, para o mesmo destinatário, palavras sensivelmente idénticas, inscrevendo apenas na carta que então dirigiu a Berchtold, uma medida de precaução elemental: «Devemos, antes de agir, perguntar à Alemanha se ella está disposta a garantir-nos contra um ataque da Rússia.» Em Viena havia a convicção fundada de que a guerra à Sérvia desencadearia a intervenção russa; para prevenir esta era indispensável a garantia prévia do poderoso aliado da Austria-Hungria, o Império alemão. Foi para a conseguir que a diplomacia austriaca trabalhou incansavelmente durante as primeiras semanas de Julho de 1914.

A visita a Berlim do enviado especial do imperador Francisco José, o Conde Hoyos, e a acção intensa desenvolvida pelo embaixador alemão em Viena, Tschirschky, constituem a contribuição decisiva que levou os chefes politicos e militares da Alemanha a aceitarem a ideia de que, a falta de uma punição severa à Sérvia encorajaria este país no caminho dos atentados e das aggressões que acabariam por minar o prestigio do soberano austro-hungaro e a influencia da Austria na politica europea.

Quando em determinada altura o Conde Tschirschky, vendo a evolução catastrófica dos acontecimentos, procurou detê-los com alguns conselhos de moderação, a opinião estava feita sobre a necessidade e a oportunidade de liquidar o incidente sérvio. O diplomata alemão modificara o seu ponto de vista inicial no sentido duma liquidação razoável de contas com a Sérvia e o seu espirito evolucionara em sentido oposto ao do chefe do governo húngaro, Tizsa. Nessa altura era demasiado tarde.

## O ULTIMATO À SÉRVIA

O embaixador da Alemanha em Viena escrevia: «Ouço, por vezes, pessoas respeitáveis manifestarem o desejo de que se regulem definitivamente as contas com os sérvios. Essas pessoas entendem que deveria impor-se ao governo de Belgrado uma série de condições e que, no caso de estas não serem aceites, se deveria proceder com energia. Por minha parte, aproveito todas as oportunidades para aconselhar, tranqüilla mas seriamente,

que não tomem medidas precipitadas.» Esta observação mereceu a seguinte nota marginal do imperador Guilherme II, no telegrama em que ela era feita: «Quem o autorizou a falar assim? É muito estúpido. Isso não é consigo. Trata-se de uma questão que só a Austria deve ver como lhe convém regular. Depois se as coisas correrem mal dirão que foi a Alemanha que não quis correr o risco. Tschirschky deve fazer-me o favor de se deixar de tolices. Com os sérvios é preciso acabar, e quanto mais depressa, melhor.»

Estas informações não deixaram certamente de pesar no espirito do Conde Berchtold para lhe darem a certeza de que chegara o momento histórico de a Austria, pela sua mão, resolver as dificuldades dum presente incerto e acatular o futuro nebuloso.

Foi em 28 de Julho, depois de ter repellido por insufficiente a resposta sérvica ao ultimato enviado a Belgrado cinco dias antes, que o Conde Berchtold enviou a histórica declaração de guerra que havia de iniciar a primeira conflagração mundial. Não pôde assim ser feita a vontade do chefe do Estado Maior, general von Holtzendorff, que desejava demorar de alguns dias essa declaração a fim de poder fazer convenientemente a concentração das suas forças, que só devia estar terminada no dia 12 de Agosto. O chefe do Estado Maior acabou por se curvar perante as exigências políticas invocadas por Berchtold, a principal das quais consistia em não deixar perder a oportunidade de conseguir um apoio incondicional e um auxilio total da Alemanha para regular as dificuldades, de ordem interna e externa, em que o Império austro-húngaro se debatia. Para impedir qualquer tentativa de intervenção de terceiras potências (era de uma mediação inglesa que se tratava naquela altura) a decisão austriaca foi tomada, irrevogavelmente em 26 de Julho, e imediatamente comunicada a Berlim. No dia 1 de Agosto a Europa estava em guerra.

#### A CARREIRA DO DIPLOMATA

O Conde de Berchtold que, pela sua acção nesse momento histórico, ficou com o seu nome para sempre ligado ao problema da origem e das responsabilidades da guerra de 1914-18, nasceu em 18 de Abril de 1863, vindo a falecer, nas suas propriedades, em 24 de Novembro de 1942. A sua familia era uma das mais antigas e das mais nobres da aristocracia magyar. Depois de ter feito os seus estudos preparatórios, iniciou a carreira das armas, tendo servido como oficial num regimento de cavalaria. Entrou para a carreira diplomática bastante tarde, aos trinta anos, servindo entre 1893 e 1903 em várias legações e embaixadas em funções de segundo plano.

Em 1903 ocupou o primeiro posto diplomático de categoria: conse-

lheiro na embaixada de S. Petersburgo. O embaixador na capital russa era então o Conde Aerenthal, considerado já como a primeira figura da diplomacia austro-húngara. Quando Aerenthal foi escolhido para dirigir a politica externa do seu país, Berchtold, que lhe era particularmente afeiçoado, ficou a substituí-lo, alcançando assim, rapidamente, o posto de embaixador junto de uma das mais importantes côrtes europeias.

A crise internacional de 1908 veio dar uma notoriedade enorme aos dois homens. Por iniciativa de Aerenthal, a Austria-Hungria ameaçou, contra a vontade russa, as provincias da Bosnia e da Herzegovina. A guerra entre os dois Impérios esteve para estar nessa altura. Berchtold foi encarregado da missão delicadíssima de liquidar o episódio em S. Petersburgo e no desempenho dessa missão revelou tal tacto e pericia que o seu nome ficou, desde logo, designado para uma successão eventual na direcção do Ballplatz. A Rússia sofreu um agravo que levou os seus mais categorizados dirigentes a afirmarem que uma segunda tentativa do mesmo género teria de ser, fatalmente, liquidada por um conflito armado. Foi isso o que efectivamente veio a acontecer passados seis anos.

Em 1911, Berchtold abandonou a embaixada de S. Petersburgo e regressou a Viena sucedendo, em 1912, a Aerenthal como ministro dos negócios estrangeiros. Não faltam historiadores que pensam que o novo ministro pensava, ainda então, na possibilidade de liquidar pacificamente as divergências balcánicas e de chegar a um acôrdo com a Rússia. Esta concepção da situação e das soluções que ela comportava ter-se-ia modificado radicalmente perante o espectáculo das guerras balcánicas, que se traduziam por um acréscimo de poderio dos Estados eslavos da península e por um aumento da preponderância russa nas capitais desses Estados.

O atentado contra o arquiduque herdeiro da coroa austro-húngara que, pela sua situação pessoal e pelo seu temperamento, era particularmente detestado pela alta nobreza magyar, teria sido o pretexto utilizado para pôr em execução um plano amadurecido e assente há alguns meses. Na audiência decisiva em que o Imperador Francisco José o recebeu no palácio de Ischl, Berchtold assegurou-lhe que as tropas sérvias já haviam penetrado em território austriaco, facto que se não comprovou. Tendo já no bolso a declaração de guerra assinada pelo Imperador, Berchtold telegrafou-lhe depois para o informar de que a sua afirmação não correspondia inteiramente à realidade.

Depois do início do conflito, Berchtold ainda se conservou em funções durante alguns meses, até 13 de Janeiro de 1915, data em que passou a desempenhar um cargo de feição palaciana, retirando-se depois para as suas propriedades, onde há alguns dias faleceu.



## Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
7.15	WDJ	Todos os dias	39.7 m ( 7.565 mc/s)
7.15	WRCA	3.ª feira a Domingo	31.02 m ( 9.67 mc/s)
7.15	WNBI	S6 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
8.30	WRCA	3.ª feira a Sábado	31.02 m ( 9.67 mc/s)
8.30	WNBI	S6 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
18.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)
19.30	WRCA	Todos os dias	19.8 m (15.15 mc/s)
19.45	WGEA	2.ª feira a Sábado	19.56 m (15.33 mc/s)
21.30	WGEA	Todos os dias	19.56 m (15.33 mc/s)
21.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)

## OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA



#### Emissões em LÍNGUA PORTUGUESA

10.45	Noticiário	24.92 m. (12.04 mc/s)
		19.76 m. (15.18 mc/s)
		13.86 m. (21.64 mc/s)
12.15	Noticiário e Actualidades	24.92 m. (12.04 mc/s)
		19.76 m. (15.18 mc/s)
		13.86 m. (21.64 mc/s)
21.00	Noticiário e Actualidades	42.11 m. ( 7.13 mc/s)
		41.75 m. ( 7.19 mc/s)
		31.75 m. ( 9.45 mc/s)
		30.96 m. ( 9.69 mc/s)
		261.10 m. ( 1.149 kc/s)
		1.500.00 m. ( 200 kc/s)

### Vida MUNDIAL Ilustrada

JOSE CANDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 26942. — VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

# Dois gestos de Messer LEONARDO

por  
EDUARDO MALTA



Auto-retrato e desenho de uma mão, por Leonardo



**Q**UANTO queres pelos pássaros? — perguntava Leonardo a um passarinho ambulante, sentado a descansar no passeio da Ponte Velha de Florença, tendo ao lado a mercadoria engaiolada, inquieta e, por vezes, a cantar. O vendedor levantou-se e ficou a olhar, espantado, aquêle homem de aparência quasi divina, belo e forte, de cabeleira castanha esparsa pelos ombros, de barba e bigodes bem tratados, vestido com uma túnica côr de rosa e cercado de alguns amigos jovens e atentos.

— ...Quanto queres? — e o homem a titubear disse o preço. Leonardo deu-lhe algumas moedas, elevou até à altura da cabeça, uma por uma, as gaiolas e abriu-lhes as portas, depois de ver bem a fragilidade viva dos pássaros amedrontados e de sorrir daquela maneira subtil das suas madonas.

As aves, tão atontadas como o passarinho, fugiram; primeiro num vôo incerto, depois em largas curvas... Os mercadores, os passeantes, Leonardo e os seus amigos seguiram com o olhar, uns cômvidos, outros curiosos, os circulantes riscos negros do deslizar das aves sôbre o céu luminoso.

## II

Os frades dominicanos de Santa Maria da Graça, embora admirassem fervorosamente mestre Leonardo, andavam entristecidos porque a Ceia de Cristo, encomendada ao pintor, nunca era dada como pronta. Viam o artista passear nos claústros, sentado à beira do poço, entretido a escrever, ou a desenhar coisas inúteis como fôlhas de arbustos ou ammaizinhos, levar horas a pensar, e nada de dar uma pincelada na parede do refeitório, tão feio de andaimes e sujo de côres, pelo chão... E o senhor Prior, admirado daquela preguiça exagerada, procurava o pintor constantemente e aborrecia-o, ora com ironias, embora respeitosas, ora perguntando como num estribilho: — Então, mestre Leonardo, a nossa ceia?...

Mas como o artista não fizesse caso das suas palavras o frade-mor pediu audiência ao Duque de Milão e foi queixar-se, com exageros, da lamentável lentidão do pintor. E Ludovico, o moiro, tão rico nas maneiras como nas vestes, convidou Leonardo para almoçar e, discretamente, em conversa sôbre coisas de arte, mostrou desejos de inaugurar em breve o fresco, já terminado, do refeitório de Santa Maria.

Leonardo, adivinhando a intriga, explicou: — «A pintura é mental!» Antes de que ela passe às mãos e das mãos ao pincel e do pincel à parede tem de amadurecer bem no cérebro. Primeiro o artista lembra-se do assunto, depois trata da composição, faz os primeiros e breves esboços, estuda as posturas das imagens e tenta criar-lhes uma alma própria a cada... Depois correm-se ruas e praças em busca dos modelos adaptáveis às figuras imaginadas... Por fim, com trabalho aturado, vai aparecendo a pouco e pouco a obra!

Parou um momento e subtilmente, as feições finas aureoladas pelo mesmo sorriso das suas madonas, continuou:

— Todo êste trabalho está já terminado na minha Ceia... Apenas me falta acabar duas figuras: a de Cristo e a de Judas... Para Jesus talvez não chegue a encontrar um modelo tão belo e espiritual como desejava, mas para Judas já deparei com o modelo ideal e só há pouco dei por isso... E o reverendíssimo Prior do convento.

(Do livro em preparação «Da Arte Europeia».)



# Depois da reconstrução de Lisboa Quando foi inaugurada a estatua equestre de D. José

**N**O começo da noite de 19 para 20 de Maio de 1775 grande multidão de gente ansiosa estacionava próximo do convento de Santa Engrácia, cujas obras se iam eternizando como profetizara, muitos anos antes, um inocente suplicado.

O povo da capital esperava com jubilosa impaciência um acontecimento sensacional e até aí nunca visto, cuja notícia se tinha rapidamente divulgado, e esse acontecimento era o da saída do Arsenal da monumental estátua de el-rei, toda de bronze, que à ordem do grande ministro, o Marquês de Pombal, acabara, dias antes, de ser fundida.

Sebastião José de Carvalho e Melo podia ufanar-se da grande obra da reconstrução de Lisboa. A cidade surgia formosa e desafogada dos montões de escombros, das ruínas fumegantes, em que a tinha sepultado o terrível terramoto de 1755. O país respirava aliviado depois de uma série de importantíssimas reformas que o haviam fortalecido, e já em todos os ânimos se ia desvanecendo a terrível impressão de pavor, a medonha recordação do patíbulo de Belém, da alçada do Pôrto e de outros actos de fero despotismo do grande marquês.

Era, portanto, boa a ocasião de levantar na mais bela praça de Lisboa, frente ao majestoso Tejo, a estátua do rei à sombra de cuja autoridade tão acertadas medidas vinham sendo tomadas. Seria mais um belo ornamento para a cidade reconstruída, um monumento que ficaria para lembrar aos vindouros o rei D. José e o seu omnipotente ministro.

Uma vez aprovado o plano, tratou-se de lhe dar rápida execução. Regeitaram-se os projectos de alguns artistas estrangeiros, que não agradaram, e aprovou-se o do grande escultor Machado de Castro.

A direcção dos trabalhos de fundição foi entregue ao tenente-coronel Bartolomeu da Costa. Era de enorme responsabilidade tal missão mas Bartolomeu da Costa soube desempenhar-se dela com rara mestria. Verdade seja que o ministro de D. José lhe dera carta branca e ordenara que se não prendesse com despesas.

Ainda assim não foi leve a tarefa do hábil director dos trabalhos nem pequena a sua iniciativa e arrojo, pois que ousou fundir no forno destinado à artilharia a estátua equestre.

Nada menos que duas mil quinhetas e vinte e duas arrobas de bronze foram necessárias. Esta enorme porção de material devia liquefazer-se completamente ao calor de

um fogo mantido durante dias por enormíssimas quantidades de lenha vinda das matas reais. Barcos e barcos que a transportavam haviam descido o Tejo num pitoresco cortejo.

Uma vez fundido o bronze, deviam ser-lhe abertos os diques afim

podia ficar inutilizada e perdidos tantos esforços e canseiras. Por isso, os artistas se entregavam à obra com verdadeiro entusiasmo mas ao mesmo tempo com profundo sobresalto e até angústia.

No caso da estátua de D. José tiveram Bartolomeu da Costa e os

moldes enchendo-os e transbordando por todos os vãos, o que era sinal de haver ficado fundida de um só jacto a almejada estátua.

Todos os peitos se dilataram com profundo alívio e celebrou-se o feliz acontecimento no meio de intensa e ruidosa alegria.

Três semanas demorou o arrefecimento e só findas elas é que a formosa estátua pôde ser contemplada. Estava uma maravilha de perfeição, conforme se tinha previsto. A família real, o omnipotente ministro de D. José, a nobreza e toda a população de Lisboa, desfilaram deslumbrados perante o magnífico trabalho, genuína obra de cérebros e mãos de portugueses.

Não cessaram os elogios e as manifestações de entusiasmo durante os dias em que a maravilhosa obra esteve publicamente exposta.

Restava a segunda parte do trabalho e não era talvez essa a menos importante: restava conduzir a estátua para o lugar onde devia ficar a embelezar Lisboa e a afrontar, serena, a passagem dos séculos.

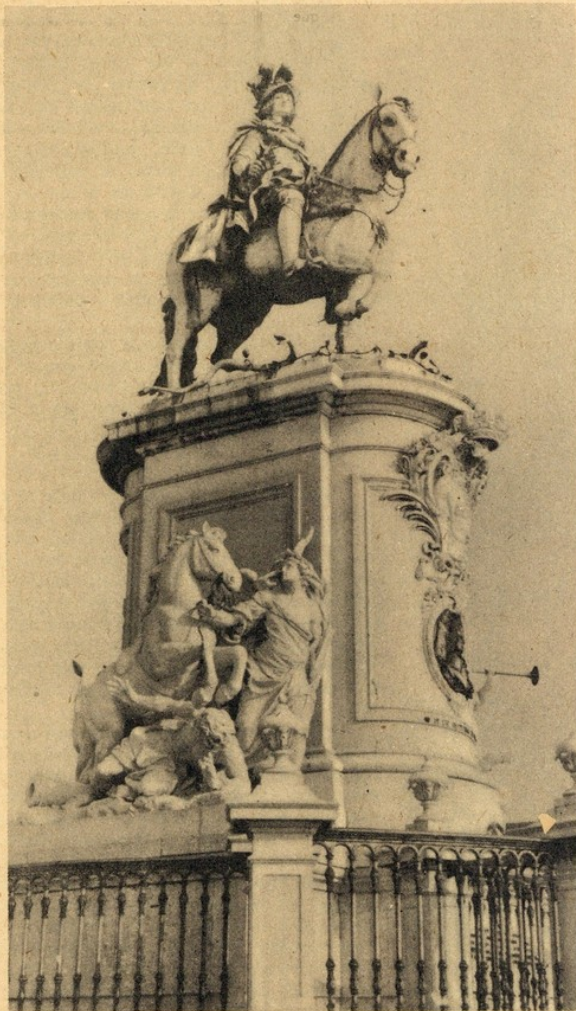
Novamente Bartolomeu da Costa assumiu a chefia dos trabalhos. Deu determinadas ordens a um trço de operários mas daí alguma coisa transpirou, e, veloz como um raio, espalhou-se por Lisboa a notícia de que a estátua ia começar a ser transportada, com segredo e recato, durante a noite. O povo, emocionado, correu às proximidades do Arsenal, junto às obras de Santa Engrácia, disposto a não perder o espectáculo novo e gratuito.

Era a noite de 19 para 20 de maio de 1775. As horas, porém, foram passando sem que do Arsenal saísse ruído ou qualquer sinal dos que o povo esperava. Acabou este por convencer-se de que a notícia tinha sido um boato, como hoje se diria, e que a condução da estátua ficara adiada por qualquer circunstância. Foi por isso a pouco e pouco debandando, entre pezaroso e resignado, disposto a voltar no dia seguinte.

As duas da noite, porém, quando o sitio se encontrava já êrmo e silencioso, os operários às ordens de Bartolomeu da Costa saíram de Arsenal e foram ocupar os lugares que lhes tinham sido designados. Sempre em silêncio começaram a executar as ordens recebidas. Envolvida por uma enorme corrente, a formidável estátua foi serena e majestosamente içada para cima de uma vasta zorra formada por grossos pranchões do Brasil ligados por varões de ferro. Era nesta zorra que devia ser conduzida, por meio de hábeis e trabalhosas manobras.

Foi grande o assombro da população da cidade ao saber no dia imediato que a sua curiosidade tinha sido lograda.

Correu precipitadamente à Fundição. De facto, sobre a enorme



de correr para os moldes da estátua que ficaria fundida de um só jacto. Esta operação era de grande melindre e responsabilidade pois dela dependia toda a perfeição do trabalho. Se o metal se não derretesse completamente, se não enchesse por completo os moldes, a estátua

operários que o coadjuvavam com dedicação e profunda obediência, a enorme satisfação de ver coroado do melhor êxito o seu trabalho.

Mais de 24 horas levou o bronze a derreter, após o que lhe foram abertos os registos. A corrente ígnea correu para o interior dos

zorra via-se uma grande gaiola de madeira dentro da qual, envolta em panos de brim, ia a preciosa estatua.

Não foi pequeno o trabalho da condução. Tratava-se de fazer deslizar a zorra sobre enormes pranchões de madeira com um palmo de espesura, pois nenhuma calçada resistiria a tão enorme peso; os próprios pranchões tinha de ser frequentemente substituídos pois ficavam esmagados sob aquêlê peso de 4.000 aróbas.

Duas filhas de operários puxavam a zorra a cordas, enquanto outros pela retaguarda, a sustinham e procuravam evitar um desequilíbrio.

Teve de ser demolido, em parte, o arco de Santa Engrácia e aberta de propósito uma rua para dar passagem. Todas as outras do percurso tiveram de ser calçadas de novo para facilitarem o escoregamento.

Ao iniciar-se a marcha, o que não succedeu senão depois de intensos e desesperados esforços, teve a multidão acorrera alvorçada ensejo de admirar um magnifico cortejo.

O senado de Lisboa mandara um luxuoso grupo de magistrados ricamente vestidos e montando soberbos cavalos, ordenar rezojio público e três dias de luminárias.

Afinal a pesada caixa ostentava o distico latino «NON VELANT NUBITA SOLEM» oscillou e começou a mover-se vagarosamente, parando de vez em quando para serem substituídos os pranchões. Fazia parte do cortejo um destacamento de cavalaria que abria a marcha, assim como 24 cavalos das cavalariças reais, ricamente ajaezados, que conduziam lindos ceirões de flores para serem lançadas pelas ruas do percurso. Seguiam-se carros com pipas de água e depois um luzido corpo de magistrados, titulares, altos postos do Exército, representantes de todos os organismos e corporações da cidade, e uma chusma de trabalhadores prontos a acorrerem se os seus esforços se tornassem necessários.

Tornou-se difficilima a volta que a estátua devia dar ao Campo de Santa Clara mas o engenho de Bartolomeu da Costa mais uma vez venceu a difficuldade que se diria insuperável.

Quatro dias demorou esta curiosa marcha, e quando, finalmente, chegou ao Terreiro do Paço, uma enorme multidão rompeu em clamorosos brados de triumpho. No dia 27 foi a estátua colocada no pedestal, remate feliz de todas as operações que com igual felicidade se vinham realizando. Faltava somente a inauguração solene com festas condignas.

Como a magnifica praça não estava ainda concluída, improvisou-se com madeiras e panos a parte que lhe faltava. Um dos torreões que a ladeiam foi completamente formado por esta forma. Enormes quantidades de materiais se gastaram e mais de 3.000 operários trabalharam dia e noite. A estátua ficou coberta com velas de navio até à véspera da inauguração em que foram substituídas por um magnifico pano carmezim com borlas de seda.

A população aguardava com ansiedade o dia 6 de Junho, marcado para a inauguração, e, chegado que elle foi, toda a cidade se encheu de galas e luminárias.

Quem menos entusiasmo parecia sentir no meio da alegria geral e dos intensos e festivos arranjos era

o próprio homenageado, o rei D. José, que se sentia já bastante doente. Por esta razão, e também porque todas as honras na festa inaugural tinham de ser prestadas à estátua, não compareceu o soberano e o verdadeiro rei da festa pode dizer-se que foi o marquês, robusto e triunfante apesar dos seus 76 anos. Compareceu com enorme estadao no Terreiro do Paço e na sua presença foi finalmente posta a descoberto a estátua maravilhosa, doirada pelos raios do sol e bafejada pelas brisas do Tejo, em cujo pedestal se ostentava um medalhão com o seu próprio busto.

De joelhos foram prestadas honras ao recém-inaugurado monumento e começou depois o aparato desfile de um vistoso cortejo em que tomavam parte carros alegóricos. Maior, porém, e com mais carros foi o dia seguinte, e no terceiro houve grandes paradas e demonstrações militares.

A população andava num deslumbramento, dava-se por bem paga dos esforços e dos sacrificios que constantemente lhe eram exigidos, pela assistência a um espectáculo tão grandioso e tão raro. Contemplava desvanecida as estampas e as medalhas comemorativas de que se fizera larga distribuição.

A familia real assistira também às pompas officias, mais incógnita, de um dos torreões.

A noite, quando a cidade se cobria de milhares e milhares de luzinhas festivas, haviam mesas publicas servidas com verdadeiro luxo. Parecia ter-se voltado aos tempos de fausto e riqueza de D. João V, tudo foi luxuoso e farto, com prodigalidade até. O próprio Marquês de Pombal esqueceu por alguns dias as suas medidas economicas e ordenou a maior largueza em todos os gastos. Mas onde se tocaram as raizes da magnificência e da prodigalidade foi no grandioso banquete e baile dados pelo Senado de Lisboa.

Era sumptuosa a decoração das salas, inegaláveis os efeitos produzidos por milhares de luzes entre os dourados, os espelhos, as figuras decorativas, as flores, as sedas, os marfins, que com profusão e bom gosto se ostentavam pelas escadarias e salões.

O velho despotismo achou maneira de dar um feérico aspecto à sala do banquete onde se reuniam todas as baixelas de ouro e prata, que os ourives e os simples particulares tinham sido forçados a ceder.

A ceia foi verdadeiramente pantagruelica e custou uma quantia fabulosa para a época. Só de doce se gastaram algumas centenas de arrobas. Era, em suma, uma festa digna do rei magnânimo pelo brilhantismo e pela louca prodigalidade.

O Marquês de Pombal abriu o baile com a embaixatriz de Espanha, e mostrou-se sempre cheio da maior satisfação. Era elle o verdadeiro soberano, e à sua energia e verdadeiro senso politico devia o país o engrandecimento. Justo era, pois, que no monumento erigido com tanta pompa e alegria na cidade tão formosamente renascida do entulho e da miséria, se ostentasse o medalhão do grande ministro para recordar aos vindouros o nome imperecível daquele que, não sendo isento de fraquezas humanas, soube tornar o seu país respeitado por o haver feito próspero e forte.

## APRENDA LÍNGUAS



Com os cursos completos em  
**DISCOS**  
O ensino mais rápido, perfeito e económico

Milhares de pessoas têm seguido este método com absoluto éxito. Não ha outro que permita em curto espaço de tempo, com pouco esforço e despesa minima, adquirir pronúncia impecável, vocabulário abundante e prático para falar e escrever correctamente.

DETALHES E DEMONSTRAÇÕES

— NOS —

**EST. VALENTIM DE CARVALHO**

Rua Nova do Almada, 97



NOVO HORÁRIO  
NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA  
TODOS OS DIAS

Horas	Estações		
8.50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
12.20 Comunicado Q. G. L.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
14.10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
22.40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
22.40 Noticiário		Ondas médias	
		m. 221.1	
		m. 263.2	
0.00 Noticiário	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

CONVERSAÇÃO EM LINGUA PORTUGUESA

21.20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.995
21.20 (Quarta-feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830

LEIA TODOS OS SÁBADOS

**VIDA MUNDIAL**

# AQUÉM E ALÉM DA VITÓRIA

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 6)

verter a Ankara após longa ausência o embaixador soviético Vinogradovno, cordalmente acolhido por Sara Jöglu, e reunir respectivamente em Ankara e em Londres os embaixadores turcos em Inglaterra, na Alemanha e na Rússia, e na capital britânica os ingleses em Moscovo e em Ankara, rumorejando-se em torno disto que, em troca não se sabe de quê embora se adivinhe, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha dariam de penhor garantias especiais aos novos pactos russo-turcos estabelecidos sobre uma distribuição de influências na península na qual a Turquia quere salvar, a independência das nações lá existentes e a sua própria, para o sul do Danúbio.

A presença de Von List com novas forças aglomeradas no sul da Grécia, primeiramente explicada por necessidade de reforços a enviar a Rommel e a Von Nehring, pode ser-lo melhor ante a eventualidade de um incêndio balcânico em que a atitude turca tem lugar preponderante. E é de lembrar que a par daquelas concentrações, outras foram feitas em Salónica, na antiga fronteira greco-turca, nas ilhas ocupadas pelos alemães à boca do Bósforo e nas italianas do Dodecaneso até Rodas.

## O ÓBICE DA PAZ



ROOSEVELT

Mas um dos pontos mais ajudados de que a guerra já não há de demorar, não está só nestes aprestos nem em que — como se o seja — prova o relatório de Roosevelt sobre as aplicações da Lei de Empréstimo e Arrendamento com espantosos números à carga cerrada — o grau de resistência dos povos e das oficinas não é desmedido. Está no facto, em boa verdade impressionante, de começarem a coalescer-se no campo dos Aliados, que é o próprio para o caso, a organização política, económica e social do mundo após a guerra.

E aqui entram as lucidíssimas adivinhas do «Look», a que atrás nos referimos: «Nesta questão, há envolvido, segundo me parece, — diz o autor — três imperialismos supremamente importantes, e todos os programas de paz devem ser estudados em estreita ligação com eles. Os três imperialismos a que me refiro são o económico, o político e o ideológico. Se bem que eles sejam concomitantes, o primeiro é principalmente americano, o segundo estruturalmente britânico e o terceiro retintamente russo.»

E vem a análise: «Os americanos têm de decidir até que ponto o seu imperialismo económico deve ser mantido. Durante muitos anos, agravámos as crises econó-

micas do mundo. Usámos o nosso potencial financeiro para colocarmos outras nações em débito. Exigimos o pagamento dessas dívidas, mas por meio de tarifas muito elevadas evitámos as importações que as haviam de pagar... Os britânicos também têm de resolver até que ponto estão dispostos a pôr de parte o seu velho estilo político. Os russos, por seu turno, têm de modificar as suas opiniões e abandonar essa ideia da revolução mundial para poderem colaborar na paz. A revolução no sentido soviético do levantamento violento do proletariado e dos camponeses não parece ser possível nem na América nem na Grã-Bretanha. A única probabilidade existente é a Grã-Bretanha e a América, prosseguindo um curso evolutivo dentro dos limites da lei, poderem chegar a um ponto de acôrdo com uma União Soviética que possesse de parte a ideia de promover modificações políticas violentas fora das suas fronteiras. Esta tendência já está marcada de ambos os lados.»

E o autor conclue por quatro faces: — a liberdade de cada povo escolher os seus governos em livre sufrágio, a colaboração por meio de federações de Estados, à semelhança das que existem já entre a Polónia, a Checoslováquia e entre a Grécia e a Jugoslávia e que Eden há dias defendeu nos Comuns; o desarmamento dos vencidos, sob vigilante policiamento anglo-americano-chino-russo; o funcionamento de planos económicos, acerca dos quais Shean propõe estas realidades dignas de atenção: «A produção e a permuta nunca poderão voltar à antiga base individualista, que foi abandonada em quasi todo o mundo há alguns anos. O plano anglo-americano tentará possivelmente salvar algumas partes do sistema de comércio livre, embora aceitando, em geral, os sistemas de fundos comuns, de competição e de permuta. Como é óbvio, a desigualdade de distribuição das matérias primas é uma das grandes causas das «manias» nazi-

-fascistas. Tal motivo deve ser removido, ou a mesma «mania» reaparecerá. É claro que o padrão-ouro não pode voltar a entrar em operações enquanto os Estados Unidos forem o único país que possuem esse metal. Há ainda outras secções deste assunto vasto e complexo, as quais têm de ser resolvidas como um todo, sem serem diminuídas perante os sectores que envolvem o sacrifício dos nossos preconceitos, dos nossos privilégios e do nosso nível de vida.»

É possível que o génio de José de Maistre, se vivo fora, ao ler estas palavras, notando que há nelas profundas verdades, sacasse argumento de que a guerra foi necessária como as barrelas. E à entrada do ano, talvez não haja, para lhe avaliar os resultados, maior motivo de reflexão, ao recordarmos que durante um quarto de século os sábios de todo o mundo debalde andaram em busca à procura de resolver na paz as aspirações dos povos magistralmente concretizadas pelo escritor norte-americano, e que tanto os pacifistas alarves como os sonhadores de impérios tudo fizeram para que só através das crucifixões sangrentas desta guerra, elas porventura possam vir a ser satisfeitas.

## UM GOLPE ÀS RETAGUARDAS



DARLAN

O general Alexander enviou há poucos dias, por ocasião das festas natalícias, às suas tropas, uma mensagem em que futurava nos primeiros meses do novo ano a completa vitória das armas aliadas no norte de África sobre o duumvirato Rommel-Von Nehring, do supremo comando alemão nesse teatro da guerra.

Nessa mesma data, do dia de Natal, era abatido a tiro em Argel,

ao entrar no palácio do governo, o almirante Darlan, cuja atitude descrevi em artigo publicado no último número desta revista. Notícias complementares do negro crime apontam no homicida um partidário de Doriot, certamente incumbido do assassinio entre os grupos franceses que em trabalhos obscuros de espionagem ao serviço do inimigo, enxameiam nas retaguardas do 1.º exército.

A bala que matou o almirante, não obscurece, antes comprova, o alto valor da obra que ele desde 9 de Novembro ergueu a favor da dupla causa da honra da França e das Nações Unidas; e sejam quais forem os juízos da História acerca do homem em pessoa, eles renderão justiça ao que ninguém mais e melhor teria feito numa hora crucial de transformação da guerra contra a Alemanha. Com razão sobeja a imprensa alemã o ataque sempre, pondo dúvidas interrogativas ao seu espírito de colaboração com os vencedores. Mal poderia prever o general Catroux ao reclamar em Londres que Darlan desaparecesse do cenário de Argel para que as facções da resistência patriótica francesa se unissem, que lhe seria feita a vontade por mão de partidário de um dos mais apostados adversários do general De Gaulle, o famoso Doriot que andou por terras marroquinas a incitar Abd-el-Krim a expulsar do protetorado as tropas dos exércitos superiormente chefiados por Pétain e comandados por Giraud e Catroux e outros bravos oficiais. A lei inexorável e misteriosa do destino compraz-se às vezes nessas resacas.

O problema que se abre agora é, porém, o da substituição do almirante no cargo que supremamente exercia. De pronto o assumiu o general Giraud, chefe do novo exército francês de África, que está a dar provas no centro e sul da Tunísia desde Pont-du-Fallis, a sueste de Medjez-el-Bab nas aproximações de Tunes, até posições que ameaçam os portos de Sussa e de Gabes e às que tentam vedar a retirada para o protectorado do Bey.

O tiro de Argel não há-de ser estranho a estes sucessos, quando com poucas horas de diferença do atentado, se anunciava no dia 26 já que o general Anderson estava prestes a desencadear a ofensiva, em correlação da marcha de Montgomery nos rastros da retirada de Rommel, e quando os mais recentes despachos deixavam perceber que o marechal alemão bem pode empenhar sérios combates de retaguarda nos «wadis» entre Misurata e a fronteira da Tunísia, enquanto prossegue em outro plano. Em Londres e no Cairo, pouco depois do Natal, antevia-se, com efeito, que este será o de fazer junção entre as tropas restantes do Afrika Korps e as dos corpos que defendem Bizerta e Tunes e os portos de acesso à Tunísia por onde andam a desembarcar como vanguardas tropas

## ARMAZEM MUSICAL

L I S B O A

RUA DO OURO, 266-1.º

TELEFONE 2 78 38

Aparelhos T. S. F. das melhores marcas.

Oficina de reparações, com os melhores técnicos.

Garantia absoluta.

Pieços absolutamente de combate.

Valvulas europeias e americanas.

italianas de Rommel. E acrescenta-se da mesma procedência que assim fará o célebre cabo de guerra alemão «sabendo demais que um grande exército pode resistir mais do que dois exércitos pequenos».

Em qualquer caso aparece assás claro que já não sobra tempo para demoras aos 1.º e 8.º exércitos aliados, nem muito menos a Von Nehring e ao marechal alemão. O pleito tem de decidir-se porque é forçoso aos Aliados desembarcar-se da única testa de ponte que o inimigo encrava no campo de aproches dos futuros assaltos à fortaleza europeia, e aos Italo-Alemães manter-se pelo maior tempo possível nesse supremo baluarte, exactamente para obstar a tal assalto.

#### CALCANHAR A DESCOBERTO



O pano r a m a internacional ganha, na verdade, de cada vez mais o aspecto de um horizonte onde os magnos sucessos desta guerra vão redar-se. E tu do regira em tórno da questão

Aquêles que se rasgam com mais clareza à vista desarmada, são, como se sabe, no continente italiano. Não podem, no entanto, considerar-se facilmente aboráveis, prevenidos como estão por acumuladas defesas de que a Alemanha o rodeou. Nem um assalto desta monta, se organiza com rapidez, mórmente (é esse o fito teutónico em Tripoli e na Tunísia) quando a campanha no Norte de África ainda não está solucionada.

O «bastião» hitleriano oferece, porém, a descoberto mais perigoso calcanhar. A êle, conforme já aludimos, se referiu Cordell Hull, e Eden logo a seguir, ao prometer apoio aos insurrectos albaneses. Pode mesmo dizer-se que, ao findar de 1942, os Balcãs assumiram quasi de repente, como aliás aconteceu na outra guerra, uma importância excepcional. As declarações do heróico general Draza Mihailovitch, chefe dos cem mil revoltosos jugo-eslavos, gregos e búlgaros que se agrupam, segundo revelações do arguto Ward Price ao «Daily Mail», nas rochas cordilheiras de Zlilibov e do Montenegro, disparando «raíds» às comunicações de Belgrado para Sarlónica e para Viena e ocupando com relativo êxito as atenções de 40 divisões alemãs—cumularam essa importância. O general disse que se fôr desembarcada uma força que se lhe vá reunir, limpará em 48 horas a Sérvia central e do sul de tropas inimigas. E Ward Price comenta: «Isto parecer-nos-ia uma testa de ponte balcânica contra a qual o inimigo só conseguiria avançar por estradas difíceis através das montanhas do norte, enquanto os seus campos de aviação mais próximos ficariam muito mais distanciados».

Como se vê (e não mencionamos sequer quanto valem as costas dalmatas contra as bases navais italianas do Adriático, onde se concentra o grosso das esquadras) a questão balcânica não é um mito. A reorganização poderosa do exército aliado do Próximo Oriente do comando do general

Wilson—uma das melhores de monstrações do talento estratégico de Churchill—não foi somente destinada a cobrir as retardadas turcas e os caminhos das grandes regiões petrolíferas da Arábia. E as actuais negociações russo-turcas, sob o patrocínio anglo-americano, para restabelecimento de um pacto de distribuição de influências na península e de não-agressão, também não são alheias a tôdas estas previsões.

O correspondente da Reuter, Fergusson, repartia no dia 21 nestas duas, as possibilidades de Hitler: atacar a leste pela Turquia para ameaçar o Egipto e o Cáucaso, ou descer sobre Gibraltar contra Marrocos. Excluída por evidentemente inútil esta última—a formação transcendente do Bloco Peninsular luso-espanhol, em defesa da neutralidade dos dois países sinatários desse pacto fecha os Pirineus e os mares a tôdas as aventuras dos beligerantes—restaria a primeira. Mas os acontecimentos da frente leste não permitem a Hitler sequer encará-la. Com a Turquia não se brinca.

Da conferência central dos dirigentes do «Eixo» há pouco realizada, entre os seus mais altos responsáveis alemães e italianos, deixou a imprensa romana transparecer o objectivo (e a presença ali de Laval confirmou-o pelo que respeita à França como baluarte germânico no ocidente) ao dizer que o «Eixo» ia na primavera defender as suas conquistas, com novos golpes.

De facto, Laval foi discutir dois casos que Hitler lhe pôs debaixo dos olhos: a adesão da França ao «Eixo» em novo regime, o recrutamento do novo pseudo-exército francês, tomando parte na guerra às Nações Unidas, o regresso do marechal Pétain a Paris, e o reconhecimento pelo Reich das reclamações italianas.

A conferência parece ter terminado com um entendimento provisório. A Alemanha e a Itália reconheceriam Laval como chefe indiscutível do governo francês, ignorando Doriot e Déat, e dando a Laval inteira liberdade de proceder quanto aquêles políticos como lhe aprouver. Laval parece também ter conseguido o regresso do governo a Paris, completa autonomia, um governo constituído segundo a sua vontade, a organização de uma policia própria e de uma imprensa sua, e autorização para negociar com os colaboracionistas de Paris depois da transferência da sede do governo. Em troca, Hitler recebe mãos livres para criar o «exército francês» e tratar com a Itália, embora à custa de territórios... que a Alemanha terá primeiro de conquistar aos Aliados, excepto a Córsega.

#### OS ESPECTROS



Em Berlim não há, porém, ilusões. Hitler não lita somente a Itália onde há 300 mil homens mais 500 mil dos corpos de segurança. Olha em conjunto para a defesa da Europa contra intentos de invasão das Nações Unidas. Para isso deu voz de aviso aos seus chefes militares e políticos nos Balcãs, para organizarem a defesa do sudoeste europeu, considerada inevitável. Segundo referem de Istambul, tornado centro nevrálgico dos acontecimentos

# A ORDEM É UMA QUALIDADE MORAL E INTELLECTUAL

por CLOTILDE RANDI

A ordem é uma qualidade moral e intellectual, excelente e indispensável.

A ordem—disciplina nos sentimentos, arrumação nas idéias, arranjo nas coisas—é inerente à cultura da alma e da intelligência.

Pode a falta de tempo acarretar certa desordem material: é o caso das gentes atarefadas, dispersando o talento, desdobrando a actividade. Nota-se-lhes, então, dentre vários sintomas, um horário cheio de accidentes, um gabinete de trabalho pejado e desarrumado... Esta impressão sentiam todos os que franqueavam a residência de Rodolfo Virchow, médico de grande clientela, investigador eminente e político famoso. A tal tempera de homem, absorvido por múltiplas tarefas, o tempo era forçosamente escasso e inevitável certo desarranjo material. No mais, porém, na ordem essencial, isto é, na ordem moral e intellectual, não havia falhas: tratava-se dum grande homem equilibrado.

Ora, este índice de superioridade geral revela-se no grafismo com toda a exactidão.

A escrita duma personalidade acima da média, imprimindo a ordem a todos os seus actos, prende logo a atenção pelo cunho forte (tipo de letra inconfundível), harmonia de conjunto, pontuação e ortografia regradas; entre-linhas, espaços entre as palavras quasi equidistantes; dimensão das letras adaptada ao tamanho do papel e extensão do assunto; escrita habitualmente rápida, simplificada e legível, guardando pequenas inequali-

dades e traçado original, que lhe dão um vivo calor vital.

Quando uma escrita, por atingir superior organização, reúne: forma harmoniosa e original, pressão cheia de relêvo (distinguem-se os traços finos dos grossos), andamento rápido, continuidade perfeita (a maioria das palavras são traçadas sem que a pena se levante do papel), dimensão adaptada às circunstâncias, arranjo dentro das normas caligráficas, tal escrita, pode garantindo o grafólogo, pertence a uma pessoa de carácter superior, na posse dessa excelente e indispensável qualidade moral e intellectual—a ordem.

#### R E S P O S T A S

10 — KAEU — Destrambamento, espirito confuso, disparatado, de nervosismo excessivo.

Não sabe o que quer, personalidade desordenada.

11 — DEMOCRITO — Personalidade fortemente vinculada, enérgica, por vezes generosa. Espirito crítico e protestatário, gostando de desenvolver polémicas.

Actividade, necessidade de trabalho.

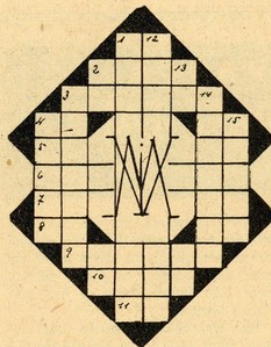
12 — ALBARDEIRO — Intelligência, plasticidade de pensamento, bom raciocínio.

Carácter activo, mas sujeito a depressões. Perseverança de idéias, tornando-se por vezes em forte teimosia.

13 — JOAO NINGUEM — Carácter simpático. Viva sensibilidade, delicadeza de sentimentos, podendo-se confiar plenamente na sua lealdade.

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 52



HORIZONTAIS: 1—Sua. 2—Urdidura. 3—Margarita. 4—Bátráquido; Art. fem. pl.; Tende mão. 5—Anel; A cabeça. 6—Oceano; Boi bravo de Lituânia. 7—Comandante de Turcos; Nome de mulher.

previstos, existem já fortificações ao longo da costa mediterrânea mas nada são comparadas às que barram caminhos aos Aliados, em França, Holanda, Alemanha e Noruega. Uma segunda linha defensiva cobre as fronteiras italo-austriaca e italo-eslovena, para anteparar outras eventualidades. Por outro lado, Hitler está atento às perturbações que dividem os povos balcânicos com conhecida fraqueza política dos seus governos mais ou menos conduzidos de Berlim.

A invasão, a dar-se (diz Cedrico Salter, desde a capital turca) atingiria a meu ver a Itália, a Jugoslávia, a Grécia ou a Trácia ocupada pelos búlgaros, onde não só as fortificações defensivas são menos completas, mas onde o invasor julga encontrar apoios políticos. Na Albânia, na Jugoslávia

8—Acolá; Entrega; Letra grega

(inv.), 9—Oficina de louça de barro. 10—Confirme. 11—Eia.

VERTICAIS: 1—Acontecerá; Corrompa. 2—Até; Contudo; Longe. 3—Comparação. 4—Ramificação. 12—Pedagogo (pl.); Desconfiado. 13—Mais de; Simples; Caminhava. 14—Espanta. 15—Enfadar.

#### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 51

HORIZONTAIS: 1—Bel. 2—Cama; Osga. 3—Cota; Arda. 4—Tara; Tal; Eira. 5—Era; Mania; Val. 6—Mal; Aparo; Iva. 7—Acie; Anã; Anis. 8—Anti; Unha. 9—Anca; Alho. 10—Aer; São. 14—Nua.

VERTICAIS: 1—Bata; Etna. 2—Coralina. 3—Caraça. 4—Tema. 11—Ema; Má; Ice. 12—Lá; Tapa; Ar. 13—Banano. 14—Nó; Lira; As. 15—Lis; Ao; Ula. 16—Agré; Anho. 17—Adivinho. 18—Aravia. 19—Alas.

e na Grécia, apesar da construção ultimamente acelerada de fortificações ao longo de quasi toda a costa, a actividade das guerrilhas causa constantes alertas. Na capital alemã também não se ignora que a Trácia grega ocupada pelos búlgaros está defendida pelo exército, valente mas destreinado, do rei Boris, composto de gente que no entanto não esquece as influências eslavas; e que por detrás desta simples cortina só há romenos e húngaros, em quem Hitler não deposita senão uma confiança bem vigiada, em face dos dissídios em tórno da Transilvânia.

Eis a situação geral que ao soarem os sinos do Ano Novo, apresenta a guerra mundial.

Camiseiros

Chemisiere



172, RUA AUREA — LISBOA

acaba de confiar a  
direcção do seu atelier de  
camisaria ao conhecido  
técnico da especialidade  
**RAFAEL ALCANTARA**

Shirtmakers

Hemdenschneider

## CARTA BRANCA NÃO HA COMO TAL...

pelo Dr. José Ribeiro dos Santos

Meu caro:

**A**l está, afinal de contas, o que nós somos. E digo nós — porque sei bem que todos somos feitos da mesma argamassa ordinária. O povinho, que sabe o que diz, embora às vezes não pareça, lá tem as suas razões para sentenciar que, para conhecer o vilão, não há como meter-lhe a vara na mão. É ver o condutor do eléctrico, muito senhor de si, com o ar de quem tem Santo Amaro na barriga, decretar ao povioléu que se empilha nos estribos:

— Não quero aí ninguém, quem manda aqui sou eu!

E é verdade, embora não pareça: quem manda ali é ele. Pois toca de fazer valer a sua regedoria, que ele quer lá saber das atrapalhções de cada um. Porque — está-se mesmo a ver — as pessoas deixam-se ficar tódar ali na paragem, a fazer horas,

só para, às tantas, por pirraça, para arreliar o desgraçadinho do condutor, se empoleirarem tódas umas em cima das outras e o pobre do homem não poder fazer o seu serviço à vontade...

Isto parece-lhe absurdo, não parece? Mas pode ter a certeza de que há quem creia neste absurdo, como se, realmente, nós não andássemos cá senão para complicar a vida uns aos outros — esquecidos de que o mais útil seria efectivamente o mais fácil, que seria ajudarmo-nos de cara alegre e boa mente.

Mas não: ali, quem manda — é ele...

Bem podemos passar a vida a prégar estas coisas transcendentamente insignificantes, que o remédio parece ser das Caldas. E o disparate está, afinal de contas, muitas vezes, em se atribuir a desniveis de condição social a razão de ser de certos atritos com que se atormen-

tam as pessoas bem formadas e portadoras da aflitiva mania de se doer das desgraças alheias: porque o condutor, que é um Zé-Ninguém na vida, que tomára ele que o deixem andar em paz, logo impa de bramar que quem manda ali é ele; porque o chefe do escritório trata de tu o continuo; porque não vão ao engraxador pa-a se não sentirem humilhados de ver um seu igual em humilhante postura de mais humilhante trabalho, prosternado de joelhos a seus pés para lhes polir as botes... Você sabe que há gente assim, pessoas constantemente preocupadas do sofrimento dos outros e sofrendo por eles. Isto quer dizer, parece-me, que, no meio de tudo, ainda há os que não são de tão má raça como os demais. São excepções — dir-se-á. Bem sei que são excepções, pois se se quiser descobrir

um modelo de tiranete não é preciso ir mais longe do que onde estiver o pedreiro mais próximo de nós e ver o supremo desdém com que ele trata o seu ajudante, a que as famosas «reivindicações sociais» não se lembraram ainda, ao menos, de tirar o titulo de servente...

— E depois? — perguntará você, à espera que eu tire a conclusão de-te complicado raciocínio que estou para aqui há que tempos a que-quer fazer.

Depois, meu caro... digo-lhe que o mundo é muito mais ordinário às terças, quintas e sábados — e que, logo por asar, hoje é quinta-feira. O que vale é que às segundas, quartas e sextas pode calhar vermos as coisas com um pouco mais de optimismo. Não falemos mais, por hoje — e guardemos o resto para amanhã...

## Gasogénio «Invicta - Azorgás»

O unico que é  
ferozmente comba-  
tido por certa con-  
corrença.

*Helo.*

## CASA DAS SEDAS

Rua de Santa Catarina, 851 **PORTO** Telefone 854  
EM FRENTE AO "JANEIRO"

Apresenta um variado sortido em casacos de peles  
Sedas e tecidos de lã, para vestidos e casacos

# AS ETERNAS PE...S...CADORAS



— Está lá!... Daqui fala a tua sensível Bibi!... Ouve querido: sabes quem te adora mais no mundo?!... Eu!... Só eu!... Não te esqueças do casaco de peles!... Vê se arranjas também uma arroba de carvão!...



— É a Fany que cumprimenta o seu eleito!... Ouve amor: espero, ansiosa, o colar de pérolas prometido!... E... uma bilha de azeite!...



— Ai como eu seria um homem feliz, um verdadeiro homem de sorte, se não fôsse a azar da consorte!...



— Daqui fala a tua dulcíssima Lóla te amará eternamente!... Ouve: não esqueças da mobília de quarto que pretendo!... Preciso também de bacalhau!



— Minha mulher é tão econômica, tão poupada, que um leque durou-lhe uma data de anos.



Quando se abana, abre só um bocadinho—que é para poupar.



— E depois desse bocadinho estar velho—é que abre outro bocadinho e assim sucessivamente!



— Pois a minha poupada, porque o leque, abre o leque a cabeça!



Am-se por muitos milhares os portugueses da América: tanto os  
ara lá foram ná labuta do pão de cada dia, como os que lá nas-  
já, filhos de pais portugueses que, outro tempo, emigraram para  
terras distantes na miragem da fortuna. Estes dois portugueses  
rica que a foto nos mostra, são o presidente e o vice-secretário ge-  
União Portuguesa do Estado da Califórnia, instituição que conta  
aliados, que têm contribuído para o esforço de guerra da América,  
trindo dezenas de milhares de dólares em títulos do Empréstimo  
de Guerra dos Estados Unidos.

VER NÊSTE NÚMERO DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"  
**QUÉM E ALÉM DA VITÓRIA**  
A NOTÁVEL CRÓNICA DO DR. FRANCISCO VELLOSO